



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO
SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO -
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

EVANDRO BRITO DE ALCÂNTARA

**DIVERSIDADE SEXUAL, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO:
revendo o conceito de gênero no contexto escolar**

SUMÉ/PB

2014

EVANDRO BRITO DE ALCÂNTARA

**DIVERSIDADE SEXUAL, SEXUALIDADE E
EDUCAÇÃO:
revedo o conceito de gênero no contexto escolar**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª. M.a. Sheylla de Kassia Silva Galvão

SUME/PB

2014

A353d Alcântara, Evandro Brito de.

Diversidade sexual, sexualidade e educação: revendo o conceito de gênero no contexto escolar. / Evandro Brito de Alcântara – Sumé – PB: [s.n], 2014.

58 f.

Orientador: Profa. Ma. Sheylla de Kassia Silva Galvão

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Curso de Licenciamento em Ciências Sociais.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Diversidade sexual. I. Título

CDU – 159.922.1(043.3)

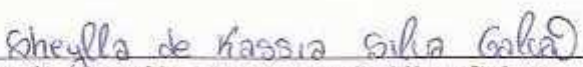
EVANDRO BRITO DE ALCÂNTARA

DIVERSIDADE SEXUAL, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: revido o conceito de gênero no contexto escolar


Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura em Ciências Sociais.

APROVADO EM 23/04/2014.

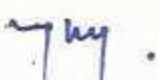
BANCA EXAMINADORA



Prof. M.a. Sheylla de Kassia Silva Galvão
(Orientadora – UFCG/CDSA)



Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
(Examinador Titular Interna – UFCG/CDSA)



Prof. Dr. Rozenval de Almeida e Souza
(Examinador Titular – UFCG/CDSA/UATEC)

(em memória) Ao meu amigo Chico T que mesmo em seu silêncio, é parte especial da trajetória desse trabalho. (“Eu nasci descalço”).

Dedico

AGRADECIMENTOS

Ao sol de cada dia, brilhante e intrigante ideia de Deus.

Aos meus pais (em memória) Eternamente amados.

A todos (sem deixar ninguém de fora, tá bom gente?) que de forma direta ou indireta incentivaram-me a teeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeerminar este curso. Em especial a minha orientadora Sheylla Galvão pela sua indispensável contribuição.

Aos professores e irmãos Fátima, Lourdinha e Biu que entraram com o “empurrão” psicoemocional.

“Se um jovem sair da escola achando que negros, índios, homossexuais, lésbicas, nordestinos são inferiores, não importa a qualidade do ensino formal, do currículo estabelecido, do seu sucesso profissional, essa escola terá falhado drasticamente com esse/a jovem.”

Beto de Jesus

RESUMO

Este estudo trata das relações de gênero e as contribuições da prática docente para a desconstrução de diferenças e preconceitos em relação ao sexismo em sala de aula. A pesquisa teve como objetivo analisar as concepções de alunos e professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz da cidade de Sumé/PB em relação às questões de gênero e sexualidade, com foco maior para a questão da diversidade sexual e de gênero. A metodologia da pesquisa é do tipo exploratória. A coleta de dados se desenvolveu através de questionários envolvendo coordenador, professores e alunos do 1º, 2º e 3ºano do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), psicóloga e professor do Programa do Ensino Médio Inovador (ProEMI) e escola Professor José Gonçalves de Queiroz. Os resultados da pesquisa indicaram que os professores participantes do questionário entendem sobre as questões de gênero e sexualidade, mas alguns deles demonstram que ainda existe uma lacuna entre o que está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais e o que ocorre de fato no contexto escolar. Embora pretenda-se que o tema seja debatido de forma interdisciplinar, existe a necessidade de capacitação de uma visão mais atualizada e contextualizada com a realidade. Foi identificada uma outra lacuna em termos de formação escolar para lidar com as questões de gênero, sexualidade e diversidade na escola. Quanto aos alunos, estes fazem considerações às questões relacionadas a sexualidade de forma natural em sua grande maioria mas, por vezes, demonstram opinião contraditória no desenrolar das respostas abertas do questionário, deixando escapar, entrelinhas, preconceitos quando opõem suas idéias quanto à homossexualidade. Os resultados também demonstraram que a discriminação com relação às relações de gênero e sexualidade no ambiente escolar ainda é bastante velada no seu cotidiano.

Palavras-Chave: Gênero. Sexualidade. Diversidade Sexual.

ABSTRACT

This study deals with gender relations and the contributions of the teaching profession to the deconstruction of differences and prejudices about sexism in the classroom. The research aimed to analyze the conceptions of students and teachers of the State School of Elementary and Secondary Education Professor José Gonçalves de Queiroz City Sumé/PB in relation to gender and sexuality, with greater focus to the issue of diversity sexual and gender. The research methodology is the exploratory type, data collection was developed through questionnaires involving coordinator, teachers and students of the 1st, 2nd and 3rd year of high school in the form of Youth and Adult Education (EJA), a psychologist and professor of the Program Secondary Education Innovator (proEMI) and school professor José Gonçalves de Queiroz. Os survey results indicated that teachers understand the questionnaire participants on issues of gender and sexuality, but some of them show that there is still a gap between what is laid down in the National Curriculum Parameters and what actually happens in the school context. While it is intended that the issue be debated interdisiciplinar way, there is a need to train a more updated and contextualized vision to reality. Was identified another gap in schooling to deal with issues of gender, sexuality and diversity in school. As students, these considerations are issues related to sexuality naturally mostly but sometimes show contradictory opinion on the conduct of open questions in the questionnaire, leaking, lines, prejudices when their ideas as opposed to homosexuality. The results also showed that discrimination with regard to gender relations and sexuality in the school environment is still veiled in their daily.

Keywords: Gender. Sexuality. Sexual Diversity.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Número de alunos por ano.....	28
GRÁFICO 2 – Número de alunos por sexo.....	28
GRÁFICO 3 – Idade dos Pesquisados - 1º ano.....	29
GRÁFICO 4 - Idade dos Pesquisados - 2º ano.....	29
GRÁFICO 5 - Idade dos Pesquisados - 3º ano.....	30
GRÁFICO 6 – Já teve algum tipo de relação sexual? 3º ano.....	31
GRÁFICO 7 – Já manifestou interesse por pessoas do mesmo sexo? 1º ano.....	31
GRÁFICO 8 - Já manifestou interesse por pessoas do mesmo sexo? 2º ano.....	32
GRÁFICO 9 - Já manifestou interesse por pessoas do mesmo sexo? 3º ano.....	32
GRÁFICO 10 – Tem preconceito com homossexuais? 2º ano.....	33
GRÁFICO 11 - Tem preconceito com homossexuais? 3º ano.....	33
GRÁFICO 12 – Sabe diferenciar bissexualidade, homossexualidade, transexualidade e heterossexualidade? 1º ano.....	34
GRÁFICO 13 - Sabe diferenciar bissexualidade, homossexualidade, transexualidade e heterossexualidade? 2º ano.....	34
GRÁFICO 14 - Sabe diferenciar bissexualidade, homossexualidade, transexualidade e heterossexualidade? 3º ano.....	35
GRÁFICO 15 – Seus pais tem conhecimento de sua vida sexual? 1º ano.....	35
GRÁFICO 16 - Seus pais tem conhecimento de sua vida sexual? 2º ano.....	36
GRÁFICO 17 - Seus pais tem conhecimento de sua vida sexual? 3º ano.....	36
GRÁFICO 18 – Acredita que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade? 1º ano.....	37
GRÁFICO 19 - Acredita que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade? 2º ano.....	37
GRÁFICO 20 - Acredita que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade? 3º ano.....	38
GRÁFICO 21 – Já presenciou Bullying? 1º ano.....	38
GRÁFICO 22 – Já presenciou Bullying? 2º ano.....	39

LISTA DE SIGLAS

EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EEEFM – ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

PCNs – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

DST – DOENÇA SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL

AIDS – ACQUIRED IMMUNODEFICIENCY SYNDROME

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PROEMI – PROGRAMA DO ENSINO MÉDIO INOVADOR

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	OBJETIVOS.....	15
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	16
3	PROCEDIMENTOS	
	METODOLÓGICOS.....	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	28
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	28
4.2	CARACTERIZAÇÃO DOS DADOS.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	52
	APÊNDICE.....	54
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	56
	APÊNDICE B – Instrumento de Coleta de Dados.....	57
	APÊNDICE C – instrumento de Coleta de Dados.....	58

1 INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é o lugar onde podemos encontrar diferentes valores, crenças, costumes, atitudes, como também diferentes padrões comportamentais, sejam eles individuais, sociais ou institucionais. É um espaço privilegiado para a intervenção pedagógica desde a educação infantil até a fase adulta e é responsável por atender um público diversificado, em que se trabalha socialização, constrói-se ou destrói-se conceitos, símbolos, idéias e atitudes.

A escola como espaço de educação e cultura tem papel fundamental na formação de cidadania, no respeito às diversidades culturais e sexuais. Ela se constitui um centro de construção ao exercício do poder ideológico, convive com processos culturais voltados para a conquista de hegemonias, ao mesmo tempo que a sua dinâmica interna cria possibilidades de processos contra-hegemonia, já que ela está inserida em relações sociais históricas e dinâmicas, em espaço de lutas, onde é construído processo de socialização, de gestão, de currículo, nas relações interpessoais e nas relações de poder entre escola e sociedade. (GENTLE, 2008).

Os preconceitos são opiniões formadas sem conhecimento dos fatos, são usadas e repetidas e divulgadas como julgamento negativo e pejorativo, estigmatizando pessoas, grupos sociais e locais. De tanta repetição os preconceitos são reproduzidos de forma irrefletida, multiplicando-se em pessoas, como verdades e manifestando-se em atitudes e comportamentos desrespeitos e desconhecimento da cidadania das pessoas. Muitos deles são usados para justificar tratamentos discriminatórios negativos, depreciativos, injustificados e inaceitáveis. (GENTLE, 2008).

Se vivemos em uma sociedade democrática, se lutamos pelas garantias dos direitos de todos(as) ¹os(as) cidadãos(ãs), não resta dúvida que há muito a ser feito para diminuir a homo/lesbo/transfobia. Nesse sentido a escola é um espaço privilegiado por sua missão educativa, civilizatória e ética, podendo influenciar positivamente no processo de desconstrução de tantas verdades préestabelecidas.

Com relação aos temas relacionados a categoria gênero trata-se de uma problematização de construção cultural e social das diferenças sexuais, tentando fazer uma desnaturalização de noções tradicionais sobre homens, mulheres, homossexuais, heterossexuais, pois as definições sexuais são construídas culturalmente, apreendidas pelos

¹ Na perspectiva gramatical atual brasileira o termo masculino engloba os dois gêneros (masculino e feminino), uma vez que o debate internacional gira em torno da modificação gramatical a partir do conceito de paridade.

indivíduos em sociedade desde cedo e não tem causas naturais. “Ninguém nasce mulher: torna-se” (BEAUVOIR, 1967 p. 09) e ao que podemos acrescentar: ninguém nasce heterossexual, homossexual, bissexual, transexual ou lésbica.

Joan Scott (1990), uma das mais importantes teóricas sobre o uso da categoria “gênero” em história, usando esta palavra me parece ter a ver como designação das relações sociais como categoria social imposta sobre o corpo sexuado, rejeitando as explicações biológicas que tornaria como denominador comum para várias formas de subordinação das mulheres terem filhos e os homens terem a força muscular superior, por exemplo, pois em diferentes períodos históricos e ainda prevalece em inúmeras sociedades essa idéia de que as distinções entre homens e mulheres são naturais e determinadas pelas diferenças dos corpos biológicos.

Scott (1990) discorre como o “gênero” pode passar de palavra para categoria de análise. Utiliza o exemplo da História Política, por ser campo intocado pelo discurso de gênero, e ao mesmo tempo forma dominante de interrogação histórica demonstrando como essa análise não significa estudar as mulheres como figuras importantes no desenrolar das tramas políticas, mas principalmente como as representações de masculinidade/feminilidade são marcantes nas ações políticas e como as mudanças de relações de gênero podem acontecer a partir das necessidades do Estado. Ainda que não seja o único campo de articulação do poder, o gênero é a primeira instância dentro da qual, ou por meio desta instância, o poder se articula. A autora afirma que os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização de toda a vida social, influenciando as concepções, as construções sociais e culturais, a legitimação e a distribuição do próprio poder.

O gênero norteia a construção de nossas identidades, por outro lado pode gerar relações de poder no que se refere ao acesso de homens e mulheres aos recursos sociais, econômicos e ao poder de decisão nas relações interpessoais. Estabelece expectativas culturais a respeito do que se espera de um homem e de uma mulher num determinado momento histórico. As questões de gênero são complexas e múltiplas, ou seja variam de acordo com a cultura e o momento histórico e permitem algumas adaptações para cada homem e cada mulher a partir das histórias e escolhas particulares.

Ainda que “nasçamos descalços”, a nossa identidade vai sendo construída antes mesmo do nosso nascimento. Durante a juventude esta construção é uma das tarefas mais marcantes e cruciais para a transformação de um jovem em adulto. É um processo que implica

Como neste trabalho utiliza-se uma pesquisa relacional de gênero, é usada a inclusão dos termos, ‘todos’ e ‘todas’, por exemplo, obedecendo as regras gramaticais virgentes no país para dar mais fluidez ao texto.

em dar um novo significado ao que a sociedade, a família e os pares dizem sobre o que devemos ser, pensar e desejar para nós e para os outros. Desde a infância, meninos e meninas desenvolvem uma forte noção das diferentes expectativas sobre como devem se comportar e se relacionar com os outros. Estas noções são ensinadas e reforçadas por seus pares, família, mídia, escola e comunidade às quais pertencem, por meio de um processo complexo e dinâmico de socialização. Assim como sofremos, também, interferências de valores de acordo com a religião, classe social e etnia.

A partir da compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais, culturalmente se cria na sociedade ideias e valores sobre a identidade da mulher e do homem como representações de gênero. Assim, as questões de gênero encontram-se relacionadas diretamente à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões fixos daquilo que é “próprio” (ou adequado) para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano originando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual. Isso quer dizer que as questões de gênero estão relacionadas com a disposição social de valores, desejos e comportamentos no tocante à sexualidade.

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na desmistificação destas diferenças assim como constrói valores e atitudes que permitam um olhar mais crítico sobre as identidades de gênero, para não ser um espaço de práticas de desigualdades e de reprodução de preconceitos e discriminações. Por isso é necessário perceber como são formados e legitimados as formas de comportamento para cada sexo e como são estimulados no ambiente escolar.

1.1 OBJETIVOS

1.1.2 Objetivo Geral

- Analisar de que forma as relações de gênero e sexualidade são abordados na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da comunidade escolar da EEEFM Professor José Gonçalves de Queiroz.

1.1.3 Objetivos Específicos

- Investigar quais as concepções e representações de alunos(as) e professores(as) sobre questões de gênero e sexualidade com base na aplicação de questionários na EEEFM Professor José Gonçalves de Queiroz, Sumé/PB;
- Verificar se existe tratamento discriminatório de gênero em sala de aula nesta comunidade escolar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O estudo de gênero e da sexualidade é uma das mais crescentes e intrigantes dimensões da sociologia contemporânea. Há uma crise nos tempos atuais na qual a heterossexualidade hegemônica é menos dominante do que antes. O poder maior da sexualidade das mulheres, o crescimento das atitudes anti-sexistas põe a hegemonia da masculinidade tradicional sob pressão ou apresentam ameaças à ordem social. A história das relações de gênero e sexualidade nas sociedades modernas está sofrendo importantes mudanças que afetam a vida emocional da maioria das pessoas. Sexo e gênero, ambos, são produtos socialmente construídos pois o corpo humano está sujeito às forças sociais que o moldam e alteram de várias formas.

(...) Essa necessidade de novidade, a necessidade de transformarmos constantemente tanto a sociedade, quanto nós mesmos, é uma das maiores conquistas da história. (GUIMARÃES, 1995, p. 49)

Ao desvalorizar, inferiorizar e patologizar as diferenças de gênero e de orientação sexual, a sociedade, a família e instituições contribuem para reproduzir relações de desigualdades violentas, conservando valores da velha sociedade machista, branca burguesa e escravocrata, em que uns mandam e outros obedecem, uns são pessoas e outros estigmatizados. Mesmo com as aliviadas condições pós-modernas atuais, também é necessário analisar de que forma são inseridos os indivíduos com suas diversidades sexuais e por onde anda a expansão dos Direitos Humanos sobre as novas percepções e manifestações legais acerca das questões de gênero e sexualidade, pluralismo e diversidade sexuais.

Vivemos, de fato, em um mundo legal, social, institucional no qual as únicas relações possíveis são muito pouco numerosas, extremamente esquematizadas, extremamente pobres. (...) Vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições. A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitam a possibilidade de relações (...) Devemos lutar contra esse empobrecimento do tecido relacional. (FOUCAULT, 2004, p. 120).

As diferenças de gênero não são biologicamente determinadas, são culturalmente produzidas. De acordo com essa visão, as desigualdades de gênero surgem porque homens e mulheres são socializados em papéis diferentes. No entanto, as diferenças de gênero são raramente neutras e diferencia *status* – o poder e prestígio que as mulheres e

homens apresentam nos grupos ou nas coletividades e nas sociedades, embora homens e mulheres não tenham acesso igual às fontes sociais valorizadas. O gênero é um fator crucial na estruturação de oportunidade e de chances de vida enfrentadas pelo indivíduos influenciando fortemente os papéis que eles desempenham dentro das instituições sociais.

(...)o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebida entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. (SCOTT, 1989, p. 21).

A institucionalização da heterossexualidade como padrão de normalidade é reforçada na legislação, nas religiões, na língua e nas escolas, conferindo uma violação aos direitos humanos, semelhante ao racismo e ao sexismo. No processo de formação do imaginário sócio-cultural, a homossexualidade recebeu significações pejorativas e negativas relacionadas a pecado, crime e doença resultando, com isto, numa cultura de exclusão e criminalização. Mais antiga do que a roda, a homossexualidade é tão legítima e inevitável quanto a heterossexualidade (VARELA, 2013).

Sistemas de gênero incluem significados e símbolos, não só nas relações entre homens e mulheres, presentes nas práticas políticas, nos objetos, nas representações sociais, na configuração das profissões, pois

“o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade, tendo, na verdade, uma importante dimensão internacional. O gênero é também uma estrutura complexa, muito mais complexa do que as dicotomias dos papéis de sexo ou a biologia reprodutiva sugeririam.” (CONNELL, 1995, p. 5)

O termo "sexualidade" nos remete a um universo onde tudo é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. Pode-se dizer que é o traço mais íntimo do ser humano e como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo.

Assim como as noções tradicionais de gênero estão sendo transformadas, as idéias acerca da sexualidade também estão sofrendo mudanças dramáticas. (...) A sexualidade tornou-se uma dimensão de vida que cada indivíduo pode explorar e moldar. Se a sexualidade foi “definida” em termos de heterossexualidade e monogamia no contexto das relações matrimoniais, agora há uma crescente aceitação de diferentes formas de comportamento e orientações sexuais numa variedade abrangente de contextos. (GIDDENS, 2005, p.115)

O gênero segundo o documento do Ministério de Trabalho (1998, p. 12)

(...) é um conceito que se refere ao conjunto de atributos negativos ou positivos que se aplicam diferencialmente a homens e mulheres, inclusive desde o momento do nascimento, e determinam as funções, papéis, ocupações e as relações que homens e mulheres desempenham na sociedade entre eles mesmos. Esses papéis e relações não são determinados pela biologia, mas, sim, pelo contexto social, cultural, político, religioso e econômico de cada organização humana, e são passados de uma geração para outra.

Gramaticalmente, gênero designa o meio de classificar fenômenos, fazer diferenças entre o masculino e feminino, contudo numa perspectiva acadêmica o termo abrange a importância dos grupos humanos os simbolismos de uma época. Ao longo dos séculos as pessoas utilizaram de forma figurada os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou sexuais. A relação com a gramática é explícita só em sua formalidade de regras do masculino e feminino, mas cheia de possibilidades inexploradas. Classifica fenômenos sem fazer descrição objetiva de outros traços que lhe são inerentes e o termo “gênero” é utilizado numa forma relacional com o nosso vocabulário analítico.

Também, e na sua maioria, as tentativas dos(as) historiadores(as) em teorizar sobre gênero não fugiram dos quadros tradicionais das ciências sociais; utilizaram as formulações antigas com explicações universais, generalizadas ou simples demais. Buscam uma descrição de fenômenos ou realidades sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade. O uso recente do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade, não só como sinônimo de “mulheres”, pois gênero tem uma conotação mais objetiva do que só “mulheres”.

(...) “Gênero”, como substituto de “mulheres”, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. (SCOTT, 1989, p.07)

O gênero se torna uma maneira de explicar as “construções sociais” e oferece uma meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens; coloca ênfase sobre todos um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não determina diretamente a sexualidade. Gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo (BUTLER, 2013).

Torna-se fundamental, então, compreender a sexualidade levando em consideração não somente fatores naturais, já que estes somente têm sentido se relevarmos os processos inconscientes e as formas culturais. Em sua obra (1998) “História da Sexualidade” Foucault entende a sexualidade como uma “invenção social”, pois esta se constitui com base em discursos sobre o sexo que regula, normaliza e produz “verdades”. A sexualidade é considerado como um “fato social” no sentido de condutas, como origem da identidade além de ser um campo a ser explorado cientificamente. Daí as relações de gênero ter sua fundamentação em categorizações de ordem social que relaciona as relação entre sexualidade e poder.

(...) não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1997, p. 100).

Os historiadores feministas utilizaram toda uma série de abordagens nas análises do gênero que podem ser resumidas em: um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado – concentrada na necessidade do macho dominar as mulheres situada numa tradição marxista que procura um compromisso com as críticas feministas fundamentadas nas várias escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. Se a reprodução era a chave do patriarcado para outras a resposta se encontrava na sexualidade em si.

No modo de produção capitalista, o corpo, o sexo e a sexualidade associaram-se à lógica de consumo, passando por processos de padronização, precificação e alienação social. Ainda que as relações do ser humano consigo mesmo, com os outros e com a natureza passem por condições históricas determinadas, os postulados da liberdade individual, orientados por certos padrões, têm mascarado há séculos a compreensão de que estas mesmas relações não são produtos da natureza, e sim da ação humana. Refletem, portanto, interesses socialmente constituídos (MARX, 2005, p.115).

Muitas expressões são construídas e reproduzidas no interior dos lares ruas e nas escolas, pois segundo Scott (1989), família, lares e sexualidade, são produtos da mudança dos modos de produção. Consequentemente, serão também reforçados o desempenho dos papéis

sociais, assimilados como naturais e de conformidade como sexo, orientação sexual direcionando as atitudes pessoais, as escolhas sócio-afetivas e profissionais. As concepções embutidas nos estereótipos sexistas repercutem consideravelmente, nas relações interpessoais, e sobretudo, na decisão profissional.

A busca pela formação integral do indivíduo proporciona ao ser humano um articulação crítica de informação e saberes que possibilita a fundamentação de um novo saber que favoreça o desenvolvimento do homem e/ou mulher, além da necessidade de se promover uma sociedade que pretenda ser “inclusiva”, propiciou o surgimento de propostas de reformulação do sistema educacional, afim de adequá-lo às demandas escolares. Citamos aqui os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com seu aparecimento na década de 90, como um conjunto de documentos que apresentam as propostas de uma nova estruturação curricular para a educação, os quais contemplam o ensino de temas sociais da vida cotidiana, enfocando as questões relacionadas à cidadania, como por exemplo a sexualidade.

Nesse contexto, o ensino da sexualidade foi incluído no currículo escolar como um Tema Transversal, um assunto disperso no interior de várias áreas do conhecimento, perpassando por cada uma delas e não mias vinculado somente ao biológico. Os PCNs trata enfim de educar o corpo “matriz de sexualidade”, abordam as “relações de gênero” como também outros assuntos relacionados à Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs e AIDS).

Discutir sobre sexualidade e gênero não é tarefa muito fácil e principalmente na realidade escolar, onde a circunscrição deste tema limita-se às aulas de Ciências ou de Biologia, que tendem a simplificar essa questão reduzindo aos aspectos biológicos o corpo feminino com relação à concepção e a excluir a sexualidade homossexual, por exemplo. As aulas transformam-se relatos prescritivos quanto ao uso de preservativo, prevenção de gravidez, as DSTs, silenciando-se sobre libido, amor e a paixão. É necessário que a inserção da temática relações de gênero e sexualidade nas políticas curriculares seja efetivamente implementada como recomenda o Ministério da Educação (MEC), nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Nesta perspectiva é importante favorecer formação aos educadores, desde seu processo inicial de formação, reflexões e debates sobre as questões de gênero e diversidade sexual, procurando desvelar ou mesmo dirimir tabus para uma promoção de uma pluralidade de entendimentos, concepções, conhecimentos e desconhecimentos existentes sobre gênero e equidade sexual; variedades de experiências e contextos sociais, econômicos, políticos, culturais permanentes na vida de cada indivíduo do cenário escolar.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a sexualidade é concebida como um componente natural, algo necessário e fonte de prazer na vida; uma necessidade básica; uma potencialidade erótica do corpo; além de ser impulso de desejo vivido no corpo (BRASIL, 1996).

É importante fazer reflexão juntos aos professores sobre o relacionamento entre suas vivências, concepções e valores éticos e dos sistemas escolares e como esses conteúdos são trabalhados e vivenciados por eles; as relações individuais das pessoas e a promoção de uma sociedade não homofóbica e não sexista e enfatizar as possibilidades transformadoras da educação com a compreensão de que a prática educativa é dinâmica, processual. E que esta prática deve ser contextualizada considerando os alunos e demais atores escolares e da comunidade e tudo o que eles trazem para a escola, buscando entender como se produzem, reproduzem, e funcionam as desigualdades sexuais, os preconceitos, os estigmas, estereótipos de gênero e demais forças sociais, culturais, econômicas, políticas e psicológicas que constroem e controlam identidades.

O gênero torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres. É uma maneira de se refletir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (...) o gênero tornou-se uma palavra particularmente útil, pois ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais consignados às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1990, p. 07).

O papel do professor é fundamental no processo de construção do conhecimento, ao atuar com um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos. O professor deve ter discernimento para não transmitir seus próprios valores, suas crenças e suas opiniões como sendo verdades a serem seguidas.

Os livros didáticos são também instrumentos de reprodução e manutenção desses valores ideológicos, através de seus textos e imagens em que são retratados todos os aspectos dos estereótipos. O masculino é associado ao público, ao político, enquanto o feminino, ao doméstico e ao privado. É evidente que já existem atualmente livros didáticos e outros padrões didáticos que desmistificam padrões de comportamento e traços de personalidade baseados em estereótipos sexistas e enfocam as múltiplas atividades dos mais variados setores da vida produtiva, artística e cultural, realizados tanto pelo homem quanto pela mulher.

Ao abordar o tema sexualidade com os adolescentes podemos observar que os mesmos por medo de errar e de não ser “normal” na opinião alheia, sentem-se constrangidos e incapazes de expressar uma opinião e logo as reações de risos e gozação indicam as dificuldades destes alunos para lidar com o tema ou usam da forma de expor opiniões pejorativas nos murais e banheiros da escola. Com relação às “verdades” sobre sexualidade, a escola ainda se destaca ao eleger concepções essencialistas desconsiderando outras mais modernas que privilegiam a idéia de construção social das identidades de gênero, fazendo com que se torne um espaço inóspito aos homoeróticos ou silencia-se sobre o tema, quando não incentiva a discriminação e o preconceito. Romper com essa concepção fixa dos limites da heteronorma não é tarefa fácil.

Não existe fundamentação científica que registre anormalidade ou insalubridade com relação a homossexualidade ou bissexualidade. A Ciência tem certeza quanto a esta igualdade, e a Constituição Federal defende: "Todos são iguais perante a Lei". Embora a escola venha caminhando em passos lentos na direção desses discursos, sabe-se também que depois da família ela ainda é a instituição privilegiada para transformações. E falando em lei: quando se diz lei anti-homofobia ela se refere às leis que punem a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero e também é válida para bissexuais, transexuais, e heterossexuais.

A palavra GAY no dicionário HOUAISS significa: adjetivo e substantivo de dois gêneros. Uso informal. (ver homossexual) - Etimologia inglês. gay (século XIV) adjetivo. 'alegre'; 'homossexual', (1953) substantivo. 'homossexual', do francês. médio. gai. sinônimo de homossexual. É um termo que já existia no português antigo com o mesmo significado atual: gay significa "alegre" (de gaiato), muito embora nem sempre o homossexual tenha motivos para ser chamado de "rapaz alegre", tantas são os tratamentos nocivos que tem de enfrentar nesta sociedade heterossexista.

Os estereótipos sexistas podem ser definidos com uma atitude ou uma ação que diminui, exclui, sub-representa e estereotipa as pessoas, de acordo com o seu sexo (...) alguma coisa que se repete e se reproduz sem variação, amoldando-se a um modelo fixo e geral, não distinguindo as qualidades individuais; uma imagem mental padronizada, que é comum aos membros de um grupo e representa uma opinião exageradamente simplificada, uma atitude emocional ou um julgamento sem exame.(GUIMARÃES, 1995, p. 50).

Etimologicamente, o termo estereótipo é formado por duas palavras gregas, *stereos*, que quer dizer rígido, e *tupos*, que significa traço. Este termo era referente a uma placa metálica destinada à impressão em série. Os estereótipos podem ser caracterizados

Como artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre os grupos em vários sentidos. (PEREIRA, 2002, p. 157).

Dessa forma, entende-se que estereótipo é a criação de rótulos, representações conceituais, simbólicas e institucionais sobre o comportamento específico do homem ou da mulher. Os estereótipos são identificados por sua irracionalidade, congelando aquelas características que podem ser compreendidas como se fossem naturais e determinantes. São reforçados também pelo senso comum, constituídos por imagens rotuladas, símbolos pejorativos, na maioria das vezes explicitando situações de violência e de desprezo, de forma mais intensa e são culturalmente construídos, perpassam pelo imaginário social e popular enquadrando comportamentos. Na escola, por exemplo, esses padrões não são modificados, os(as) professores(as) tem diferentes expectativas com relação às atitudes, experiências e o desempenho de alunos e alunas na sociedade e na reflexão crítica sobre a construção de diferentes estereótipos relacionados ao sexo.

Aqueles que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas são feitas para significar, têm uma história. Nem os professores de Oxford nem a Academia francesa têm sido inteiramente capazes de represar, de captar e fixar os sentidos resgatados do jogo da invenção e da imaginação humana. (SCOTT, 1990, p.5).

Ainda acerca dos estereótipos sexistas socializados, ou melhor, multiplicados na escola, as meninas são induzidas a acreditarem que só lhes resta, na vida adulta, o casamento e a maternidade, enquanto os meninos recebem outros modelos variados, pois lhe é dado o papel de provedor e guardião da família. Há muitas expressões diferentes de masculinidade e feminilidade. Na sociedade estas versões estão ordenadas numa hierarquia de dominação dos homens exercidas não pela força bruta, mas por uma dinâmica cultural que se estende aos domínios da vida privada e social. Assim a mídia, a educação e a ideologia podem ser canais pelos quais a hegemonia é estabelecida.

As transformações econômicas e sociais estão provocando uma crise na masculinidade hegemônica patriarcal. As noções tradicionais de masculinidade em qualquer território estão sendo destruídas por uma combinação de influências.

Mais do que fazer com que os indivíduos tenham direitos fundamentais e naturais, nós deveríamos tentar imaginar e criar um novo direito relacional que permitiria que todos os tipos possíveis de relações pudessem existir e não fossem impedidos, bloqueados ou anulados pelas instituições relacionais empobrecedoras (Foucault, 1994, p112).

Embora a heterossexualidade seja considerada na maioria das sociedades o fundamento do casamento e da família, a sexualidade tornou-se uma dimensão de vida que cada um pode explorar e moldar. Se ela foi “definida” em termos de heterossexualidade em todos os contextos de relações sociais diversas, agora há uma crescente aceitação de diferentes formas de comportamentos e orientações sexuais numa variedade abrangente de contextos sociais ou espaços geográficos e muitos gostos e inclinações minoritárias: a mulher heterossexual, o homem heterossexual, a mulher lésbica, o homem gay, bissexual, etc.

O fato é que nem os homens nem as mulheres se acham hoje satisfeitos uns com os outros. Mas a questão é saber se há uma maldição original que os condena a se entredilacerar ou se os conflitos que os opõem exprimem apenas um momento transitório da história humana (BEAUVOIR, 1967).

Freud denominou que os seres humanos são “polimorfologicamente perversos” – os homens têm uma grande variedade de gostos sexuais e podem adotá-los de acordo as ordens morais ou legais de cada sociedade. Como a dominação masculina atua também sobre os homens considerados “inferiores” em relação a classe social, idade, capacidade física, raça, ou inclinação sexual, o modelo normativo ou hegemônico de masculinidade e feminilidade aceito por homens e mulheres determina relações desiguais inter e intra gêneros, ocasionando tensões, inquietude conflitos e repúdios.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo se propõe a questionar as relações de gênero, visto ser uma debate atual e importante na discussão sobre as práticas escolares para a construção de uma sociedade menos desigual e mais democrática. Nessa perspectiva, pretendeu-se com este estudo, aprofundar a questão, buscando discussões que sejam pertinentes em relação às práticas educativas e metodológicas referentes à formação de uma educação não sexista livre de atitudes e pensamentos preconceituosos e discriminatórios, uma vez acreditar ser a escola agente co-responsável pela compreensão das relações de gênero na sociedade. Desse modo, como elementos metodológicos, foram utilizados uma abordagem em que foi associados métodos qualiquantitativos como objetivo primordial de fazer descrição das características de relação de gênero de amostragem da população da EEEFM PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ, Sumé/PB.

Como são expressões consagradas no contexto de produção de conhecimentos científicos é importante esclarecer que foram adotadas a coleta de dados e análise de dados por serem expressões de utilidades comunicativas entre comunidades científicas ou mesmo em diferentes áreas do conhecimento de orientações teóricas. O foco desta pesquisa está na interpretação dos significados atribuídos por alunos(as), coordenadores e professores(as) às questões de gênero e sexualidade na escola EEEFM PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ, localizada na Rua Professora Guiomar Coelho, s/n, bairro Pedregal, Sumé/PB.

Atualmente a escola é dirigida pela gestora Josefa Linete Ferreira de Lima e sua adjunta Elza Braz com os membros da equipe de apoio pedagógico: José Florêncio Evangelista da Silva (professor articulador) e Maria Ivoneide de Oliveira Araújo (Orientadora Educacional). Esta instituição funciona no período diurno e noturno e oferece curso de nível fundamental e médio, também na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), última etapa da educação básica. Sua área tem extensão de 12.000 m² e tem sido considerado como um espaço privilegiado na região do cariri ocidental paraibano por ser um dos maiores espaços escolares da região. A EEEFM Professor José Gonçalves de Queiroz é referência na micro-região do cariri ocidental paraibano onde acolhe alunos da zona rural e cidades circunvizinhas. Tem fácil acesso porém é distante de algumas comunidades que se locomovem através de transporte coletivo.

A EEEFM Professor José Gonçalves de Queiroz, segue as diretrizes do Programa do Ensino Médio Inovador – PROEMI que prevê uma escola ativa e criadora, construída a partir de princípios educativos que unifiquem tanto no plano metodológico quanto epistemológico. Sua metodologia de ensino é guiada pelos PCNs – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS e possui uma prática educativa para formação de cidadania; autonomia estudantil, diversidade, interação e cooperação, disponibilidade pedagógica, organização do tempo, programações extra sala de aula diversas, espaços externos (pesquisas), seleção de material didático, instrumentos informáticos, etc. A avaliação da aprendizagem dos alunos desta escola dar-se de forma quantitativa e qualitativa. A escola tem como meta principal garantir condições para os estudantes desenvolverem habilidades e competências, a partir da compreensão da realidade e exercício de cidadania, buscando melhoria de condições educacionais para assegurar uma educação de qualidade.

Através da realização desse estudo na mencionada escola verifiquei como se dão às relações de gênero na prática educativa e para tanto, pesquisas bibliográficas foram realizadas na intenção de melhorar a compreensão do objeto de estudo. O principal desafio nesse momento é comunicar, de forma clara e fundamentada a maneira de como foi construída o processo de investigação, sua coerência e as articulações desta pesquisa a exemplo dos procedimentos de níveis mais gerais até a coleta e análise de dados, uma vez que a produção do conhecimento científico não é apenas resultado de empenho individual mas, também, de “intersubjetividades”.

Foram desenvolvidos aplicação de questionários *‘in loco’* com a presença dos professores, bem como observação presencial daqueles alunos que optaram a não responder o questionário. Portanto, este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, que permitiu analisar e discutir, com base em referenciais teóricos, os resultados coletados sobre sexualidade e discriminação de gênero na escola pública estadual de Sumé/PB. Nesse sentido, foi elaborado como instrumento de coleta de dados amostragem de alunos entre 10 a 14 alunos por sala do 1º, 2º e 3º ano um questionário contendo 10 questões (fechadas e abertas) destinado uma amostragem de alunos da modalidade do ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, para coordenadores e membros e representantes dos professores, também daquela modalidade de ensino, um questionário aberto com 8 perguntas.

Como pesquisador e para o estudo desse trabalho, fiz opção pela modalidade de ensino e Educação de Jovens e Adultos (EJA) por considerar um contingente mais amadurecido em relação aos alunos do ensino regular pois, ainda que não se possa

oficialmente dizer que os debates sobre gênero são assuntos cada vez mais difundidos pelos meios de comunicação de massa e que tenham se impregnado no cotidiano escolar, o contingente dos alunos menores de idade poderia desarticular essa pesquisa, no sentido de haver a necessidade de anuência dos pais ou responsáveis, ou mesmo a possibilidade de acontecer distorções na interpretação ou aplicação dos questionários, uma vez que estes alunos possuem uma faixa etária entre 11 a 16 anos de idade em sua grande maioria.

A amostragem na modalidade do ensino regular ficou para 1 membro da coordenação pedagógica, a coordenadora do EJA e 2 membros professores que também atuam no EJA. A coleta de dados ocorreu entre os meses fevereiro e março de 2014. As implicações metodológicas serão melhor evidenciadas, especialmente, na apresentação dos procedimentos de análise de dados e seus resultados a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

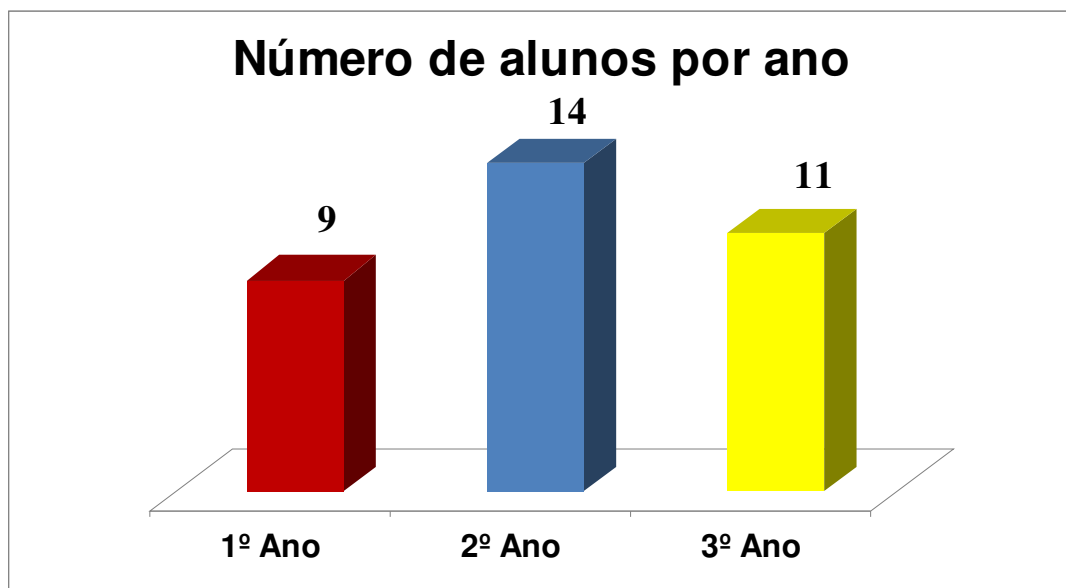
Definir o que caracteriza a pesquisa qualitativa não é muito fácil. Nesse caso a presente pesquisa situa-se no contexto da epistemologia qualitativa, mesmo que uma das etapas desta pesquisa tenha sido envolvidos procedimentos de quantificação, pois o seu foco está na interpretação dos significados atribuídos pelos alunos e professores às questões de gênero e sexualidade.

Um dos desafios, e um dos mais importantes, enfrentados nesta pesquisa ao longo do processo de investigação correspondeu à forma como as informações produzidas no momento empírico seria analisadas e interpretadas. Então torna-se preciso sistematizar, esclarecer e informar sobre os caminhos analíticos e interpretativos que foram tomados na construção dessa análise sobre as formas como as questões relacionadas à sexualidade, gênero vêm sendo vivenciadas e trabalhadas nas práticas escolares da EEEFM PROF. JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ.

4.1 Caracterização da amostra

O objetivo deste tópico é apresentar as respostas fechadas presentes no instrumento de coleta de dados – questionário, para esclarecimento e melhor compreensão das respostas dos docentes. Os gráficos abaixo representam a parcial das respectivas respostas, bem como, a porcentagem para cada situação. Os gráficos apresentam o resultado total das respostas fechadas das três séries 1º, 2º e 3º da modalidade de ensino médio Educação de Jovens e Adultos (EJA).

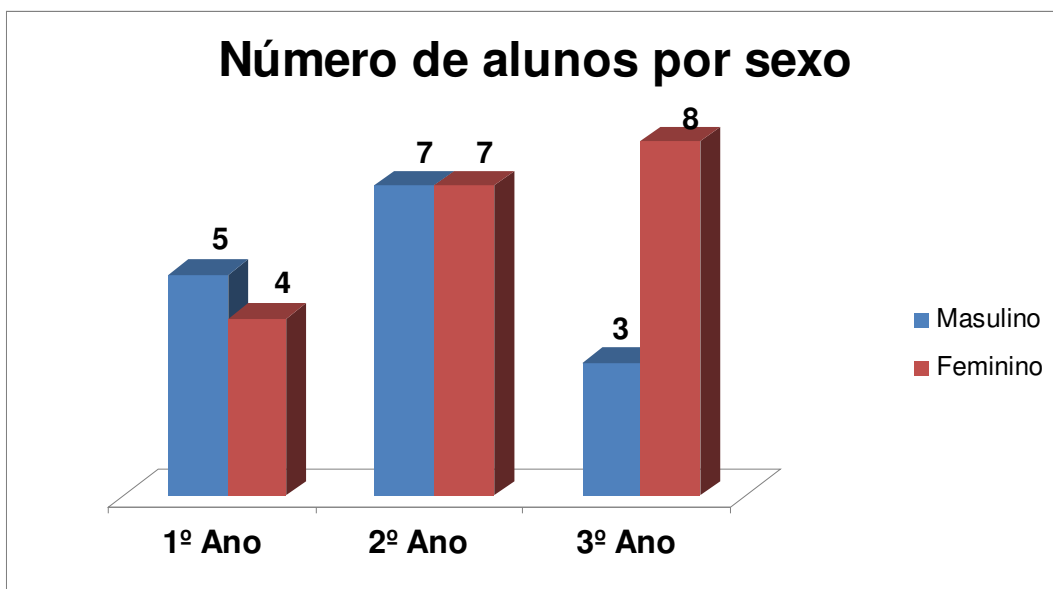
Gráfico 1



Fonte: Número de alunos por ano – Sumé/PB: UFCG, 2014

O total de alunos que participaram que responderam o questionário corresponde ao total de: 09 alunos do 1º ano, 14 alunos do 2º ano e 11 alunos do 3º ano dando um resultado de 34 alunos

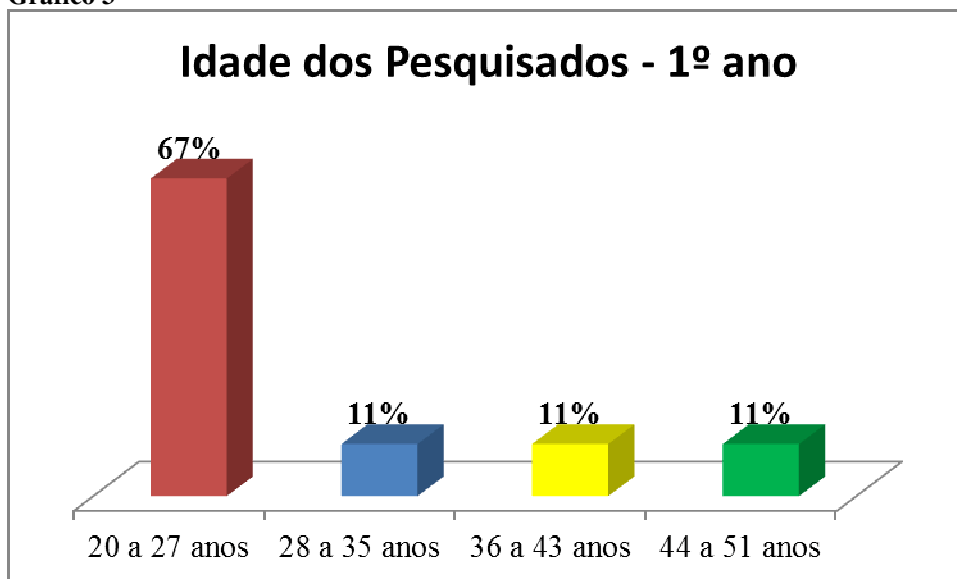
Gráfico 2



Fonte: Número de alunos por sexo– Sumé/PB: UFCG, 2014

Em termos percentuais temos um total de aluno por sexo: 56% masculino e 44% feminino dos 3 anos do ensino da EJA.

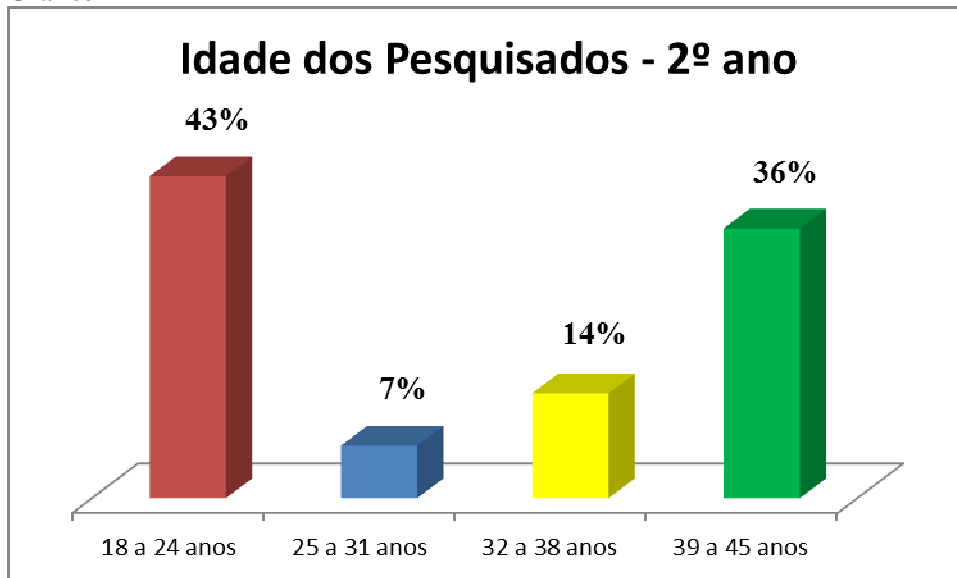
Gráfico 3



Fonte: Idade dos Pesquisados – 1º ano. Sumé: UFCG, 2014

O gráfico 3 ficou totalizado o seguinte percentual: o maior percentual cerca de 67% dos pesquisados está compreendido no intervalo de faixa etária de 20 a 27 anos, seguido por percentual iguais 11% nos intervalos: 28 a 35 anos, 36 a 43 anos e 44 a 51 anos.

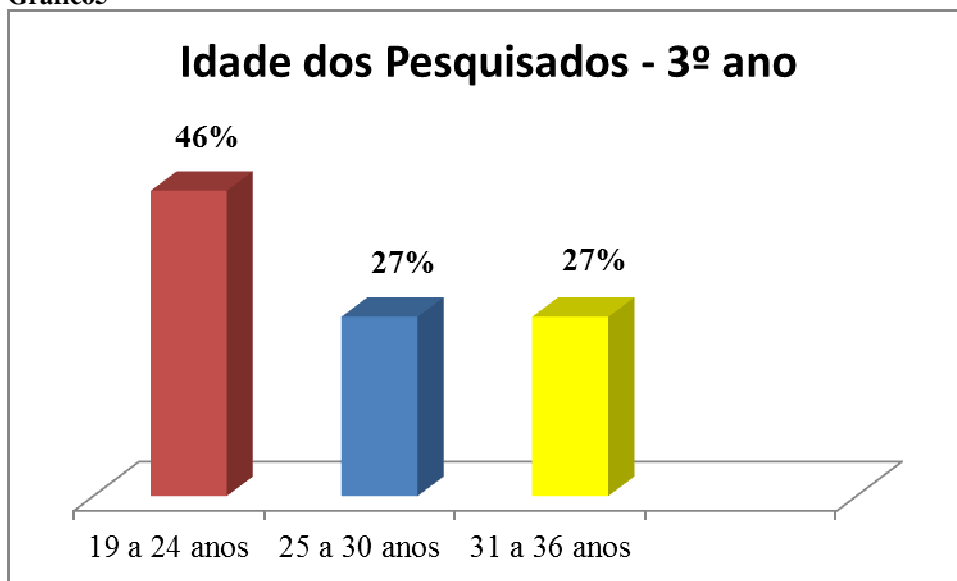
Gráfico 4



Fonte: Idade dos Pesquisados – 2º ano. Sumé: UFCG, 2014.

Observamos no gráfico 4 que o maior percentual cerca de 43% dos pesquisados está compreendido no intervalo de faixa etária de 18 a 24 anos, seguido por 36% no intervalo entre 39 e 45 anos, 14% no intervalo entre 32 a 38 anos e por último o percentual de 7% compreendido no intervalo de 25 a 31 anos.

Gráfico5

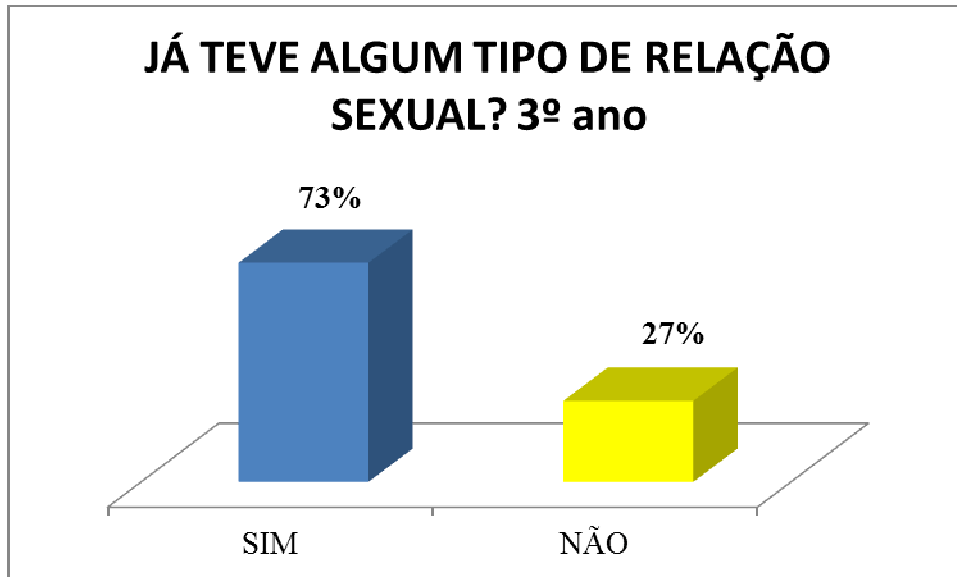


Fonte: Idade dos Pesquisados – 2º ano. Sumé: UFCG, 2014.

Observamos no gráfico 5 que o maior percentual cerca de 46% dos pesquisados está compreendido no intervalo de faixa etária de 19 a 24 anos, seguido por 27% no intervalo entre 31 e 36 anos e também com o mesmo percentual de 27% no intervalo entre 25 a 30 anos.

4.2 Caracterização dos dados

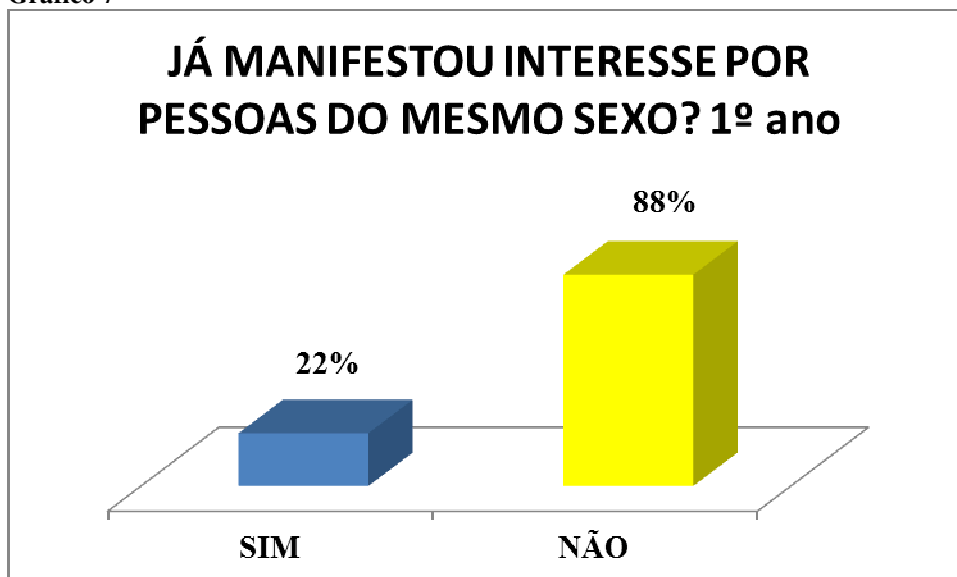
Gráfico 6



Fonte: Já teve algum tipo de relação sexual?– 3º ano. Sumé: UFCG, 2014

Analisando os resultados do gráfico acima a maioria dos alunos do 3º ano, cerca de 73% responderam sim para pergunta Já teve algum tipo de relação sexual e 27% afirmaram que ainda não tiveram nenhum tipo de relação sexual. Os alunos do 1º e 2º anos, 100% responderam que já tiveram algum tipo de reação sexual.

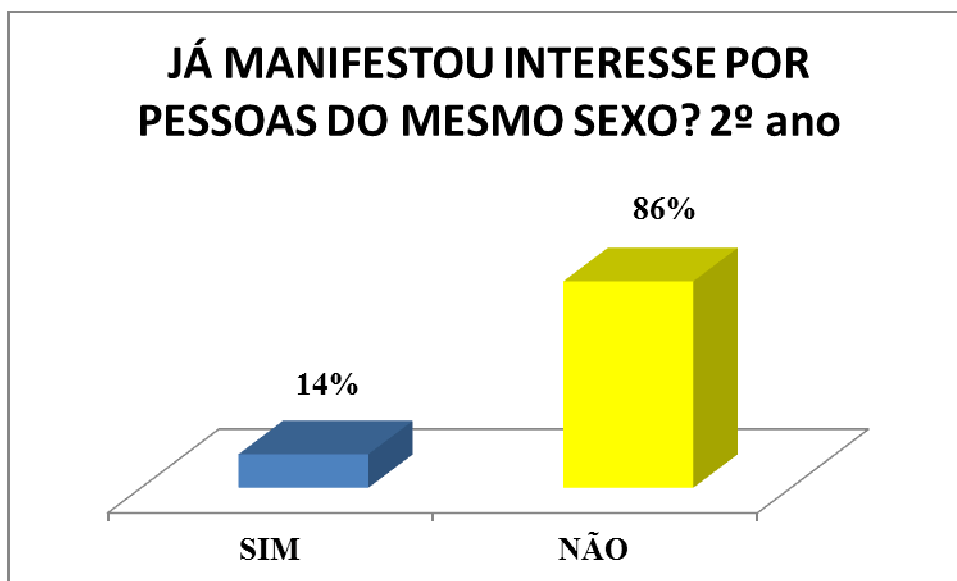
Gráfico 7



Fonte: Já manifestou interesse por pessoas do mesmo sexo? – 1º ano. Sumé: UFCG, 2014.

O percentual acima mostra que 88% dos alunos do 1º ano negam ter manifestado interesse sexual por pessoas do mesmo sexo e 22% da totalidade afirma que sim.

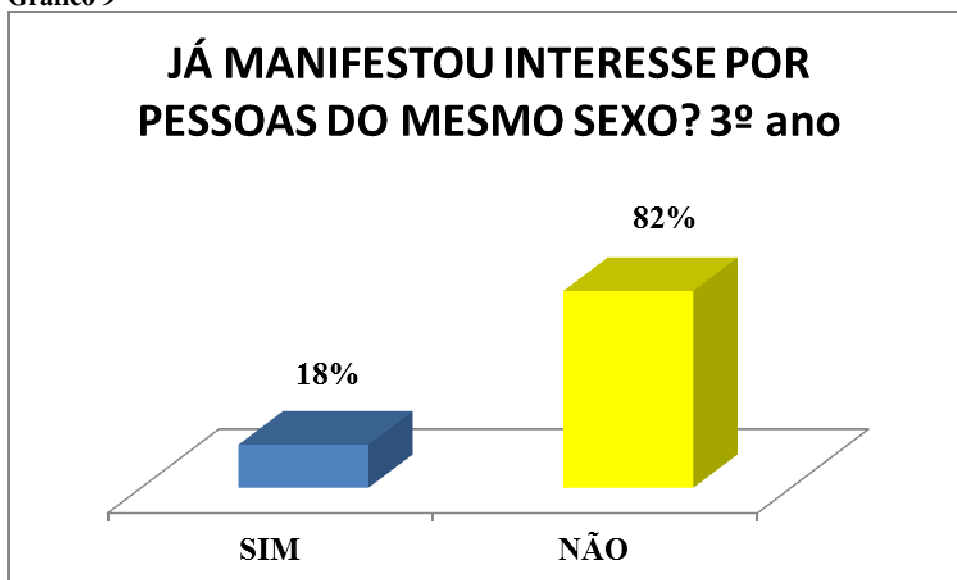
Gráfico 8



Fonte: – Já manifestou interesse por pessoas do mesmo sexo? - 2º ano. Sumé: UFCG, 2014

O percentual acima mostra que os alunos do 2º ano também afirmam terem manifestado interesse sexuais por pessoas do mesmo sexo num total de 14% e uma maioria de 86% negam sua resposta.

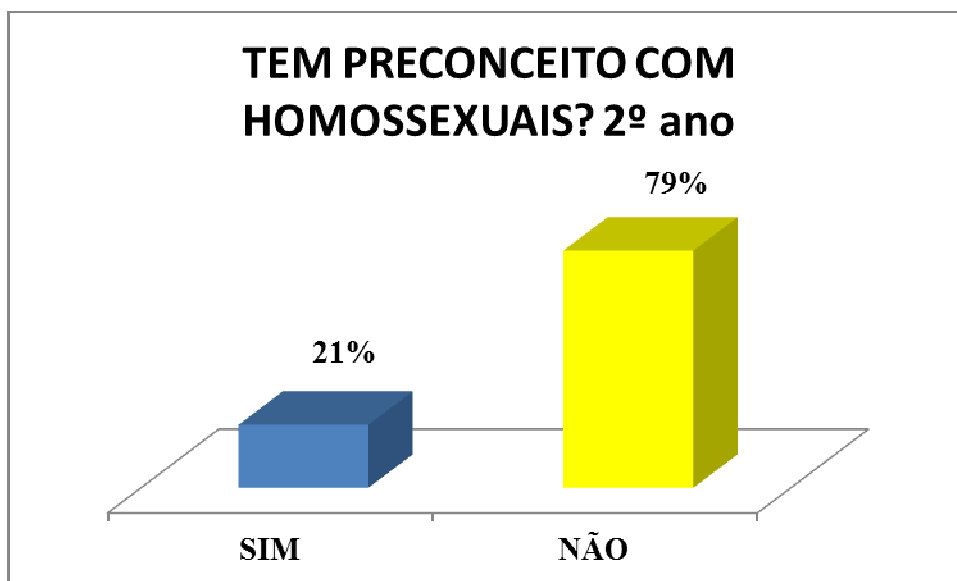
Gráfico 9



Fonte: – Já manifestou interesse por pessoas do mesmo sexo?- 3º ano. Sumé: UFCG, 2014.

O percentual acima mostra que os alunos do 3º ano, num total de 82% negam ter manifestado interesse por pessoas do mesmo sexo e 18% dão respostas afirmativas para a questão.

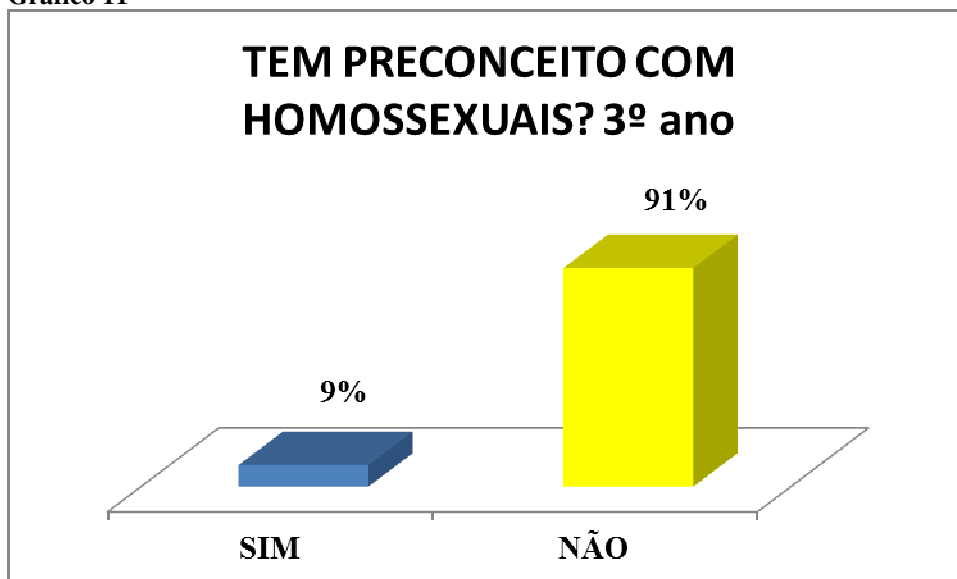
Gráfico 10



Fonte: Tem preconceito com homossexuais?– 2º ano. Sumé: UFCG, 2014.

O gráfico apresenta uma totalização de alunos do 2º ano que não têm preconceito com homossexuais com os seguintes resultados: 79% não têm preconceito com homossexuais e 21% sim.

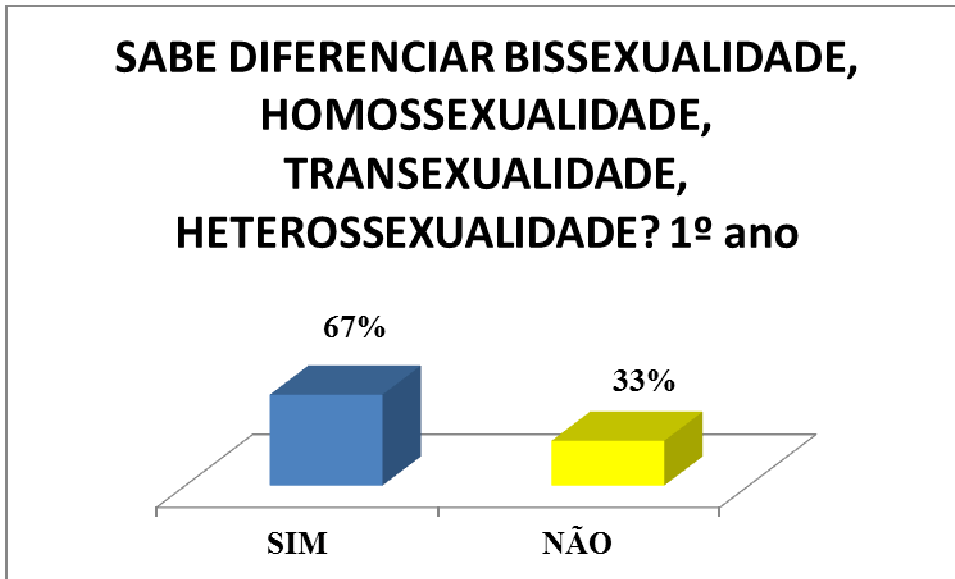
Gráfico 11



Fonte: Tem preconceito com homossexuais?– 3º ano. Sumé: UFCG, 2014.

O gráfico também apresenta uma maioria da totalização de 91% dos alunos do 3º ano que não têm preconceito com homossexuais e 9% que afirmam ter preconceito.

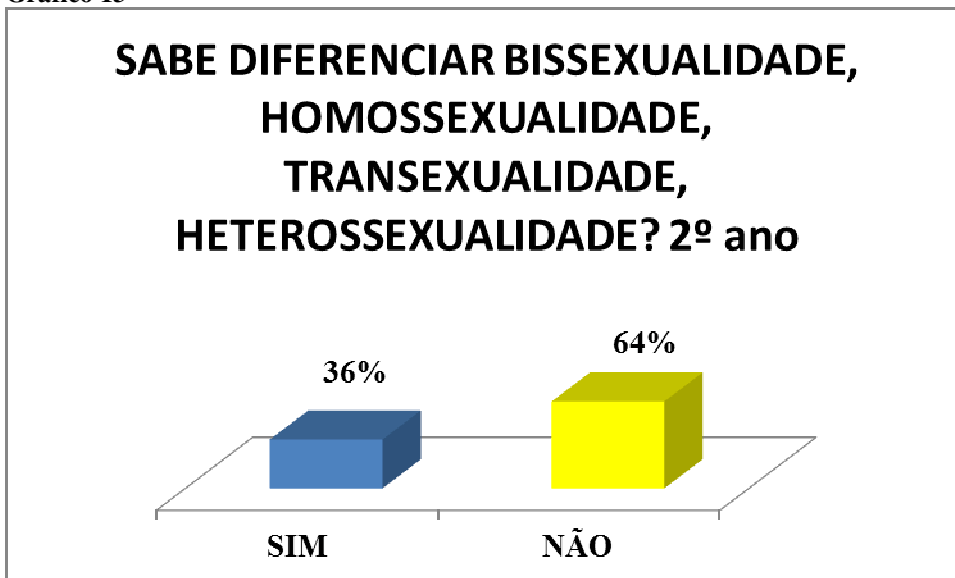
Gráfico 12



Fonte: Sabe diferenciar bissexualidade, homossexualidade, transexualidade, heterossexualidade? – 1º ano. Sumé: UFCG, 2014.

O gráfico ilustra que a maior parte dos discentes do 1º ano (num total de 67% deles) sabem diferenciar bissexualidade, transexualidade e heterossexualidade e 33% não diferenciam.

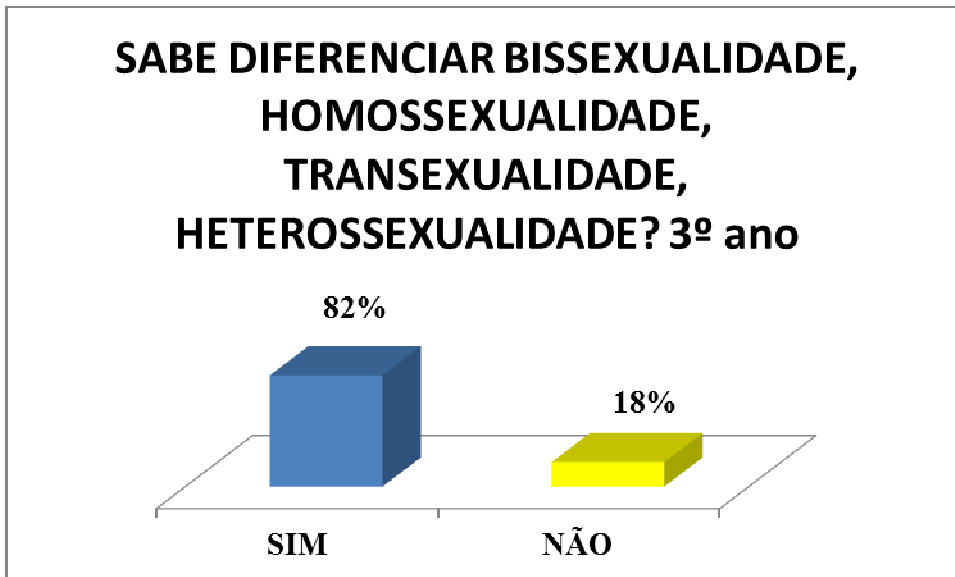
Gráfico 13



Fonte: – Sabe diferenciar bissexualidade, homossexualidade, transexualidade, heterossexualidade? 2º ano. Sumé: UFCG, 2014

Este gráfico apresenta um percentual de 64% dos alunos do 2º ano que negam não saber diferenciar bissexualidade, transexualidade e heterossexualidade e 36% diferenciam.

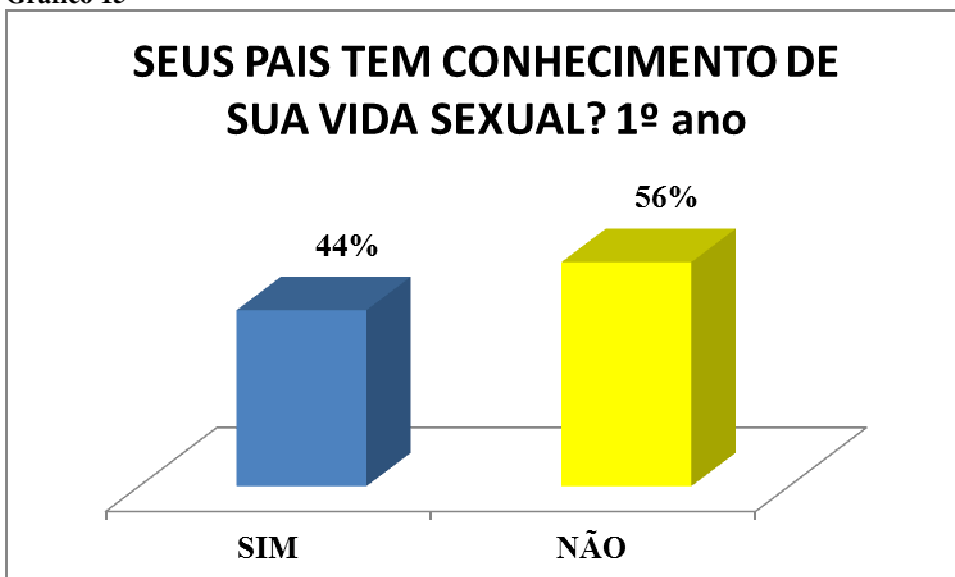
Gráfico 14



Fonte: – Sabe diferenciar bissexualidade, homossexualidade, transexualidade, heterossexualidade? – 3º ano. Sumé: UFCG, 2014.

Neste gráfico, os alunos do 3º ano em sua grande maioria (um total de 82%) afirma saber diferenciar bissexualidade, homossexualidade e heterossexualidade e 18% não sabem diferenciar.

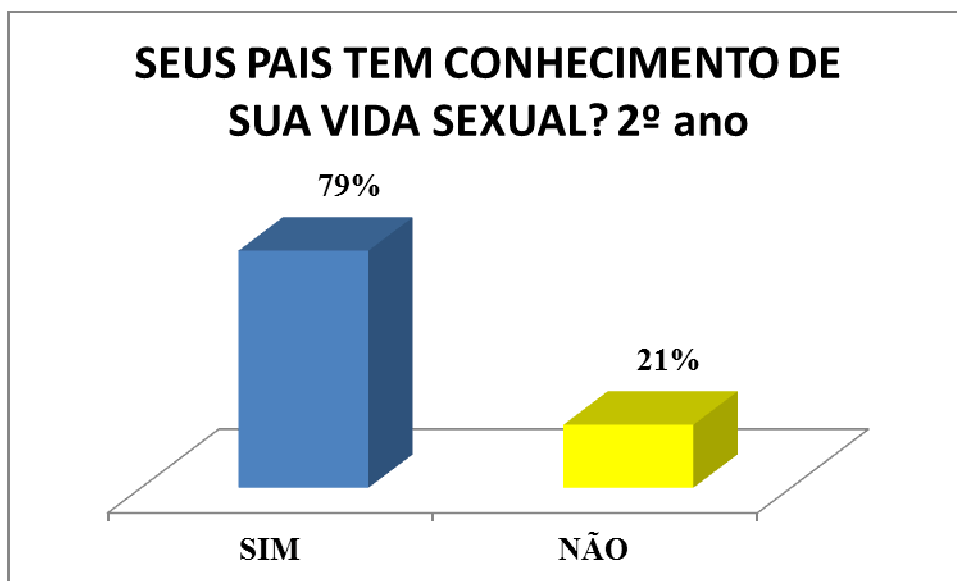
Gráfico 15



Fonte: Seus pais tem conhecimento de sua vida sexual? – 1º ano. Sumé: UFCG, 2014.

O gráfico apresenta pouca diferença no percentual das respostas dos alunos do 1º ano com relação ao conhecimento dos pais da vida sexual. Temos um resultado de 56% dão respostas negativas e 44% afirmam a questão.

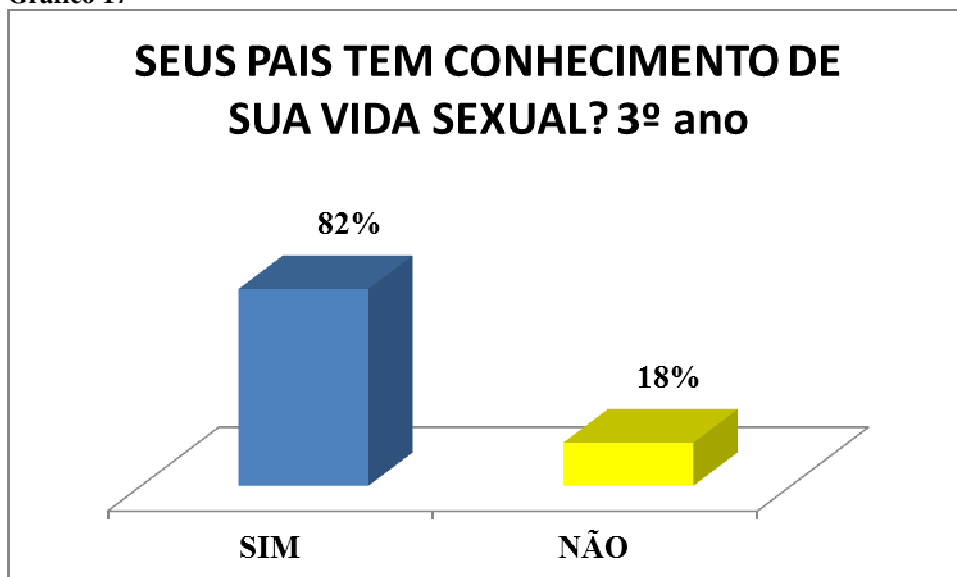
Gráfico 16



Fonte: Seus pais tem conhecimento de sua vida sexual? – 2º ano. Sumé: UFCG, 2014.

Uma grande maioria, dos alunos do 2º ano, num total de 79% afirma ser seus pais conhecedores de sua vida sexual e 21% negam que seus pais tenham conhecimento.

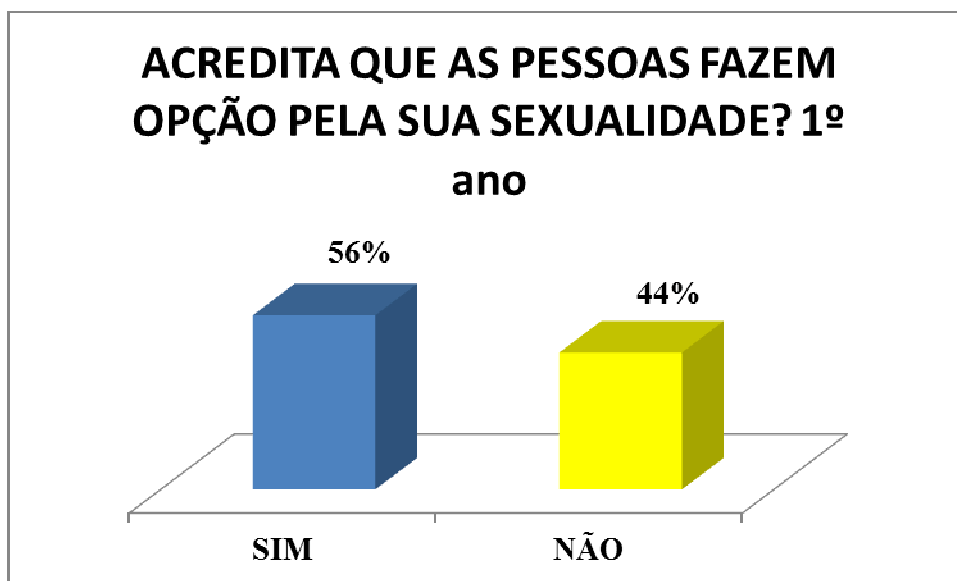
Gráfico 17



Fonte: Seus pais tem conhecimento de sua vida sexual? – 3º ano. Sumé: UFCG, 2014.

Este gráfico também apresenta que a maioria dos pais dos alunos 3º ano tem conhecimento de sua vida sexual com os resultados: 82% afirmam que sim e 18% respondem não.

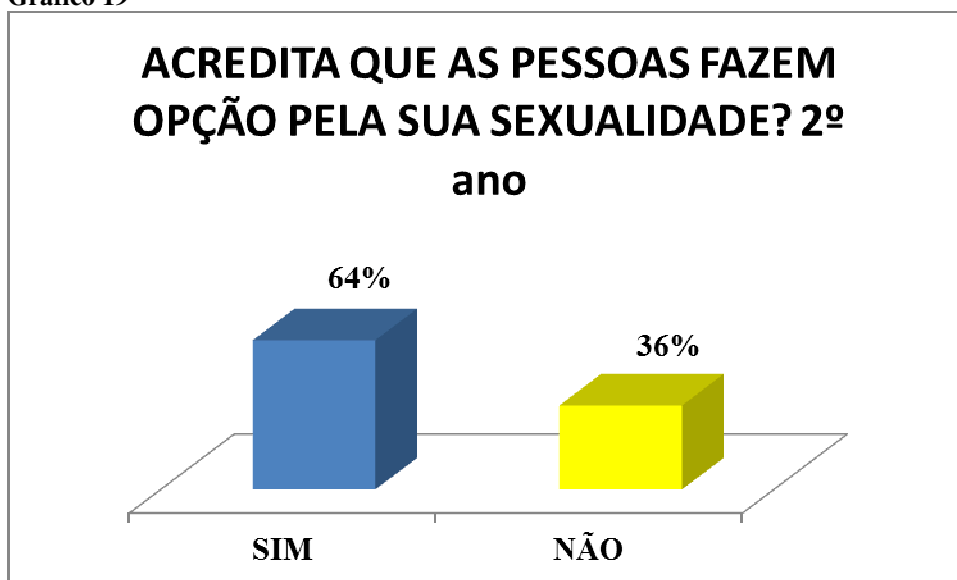
Gráfico 18



Fonte: Acredita que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade? – 1º ano. Sumé: UFCG, 2014.

Os 56% dos percentuais afirmativos ilustram que os alunos do 1º ano acreditam que as pessoas fazem escolha pela sua sexualidade, mas 44% acreditam que as pessoas não fazem opção pela sua sexualidade.

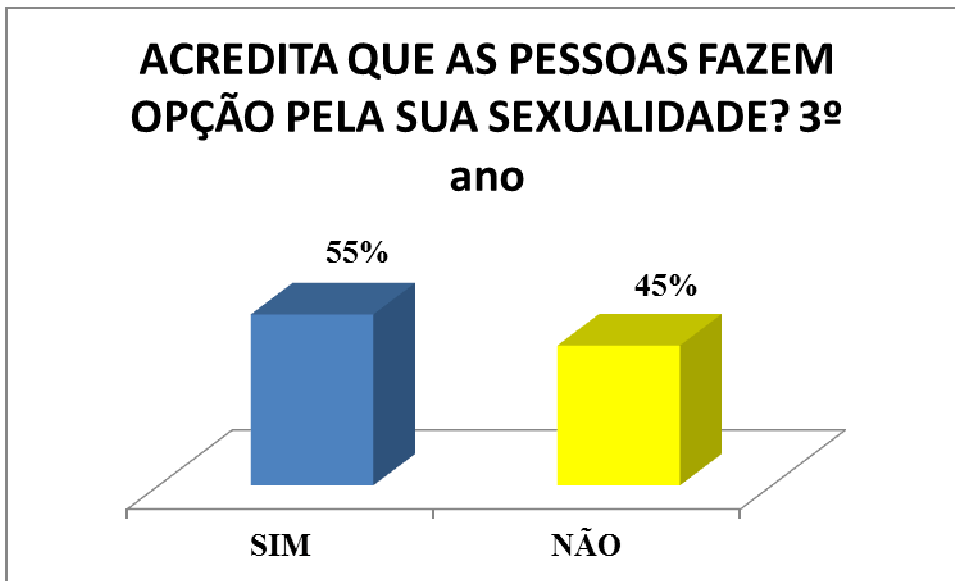
Gráfico 19



Fonte: Acredita que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade? – 2º ano. Sumé: UFCG, 2014

Os percentuais conferem que a maioria dos alunos do 2º ano, 64% no total deles, acreditam que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade, mas 36% não concordam que as pessoas fazem suas escolhas pela sexualidade.

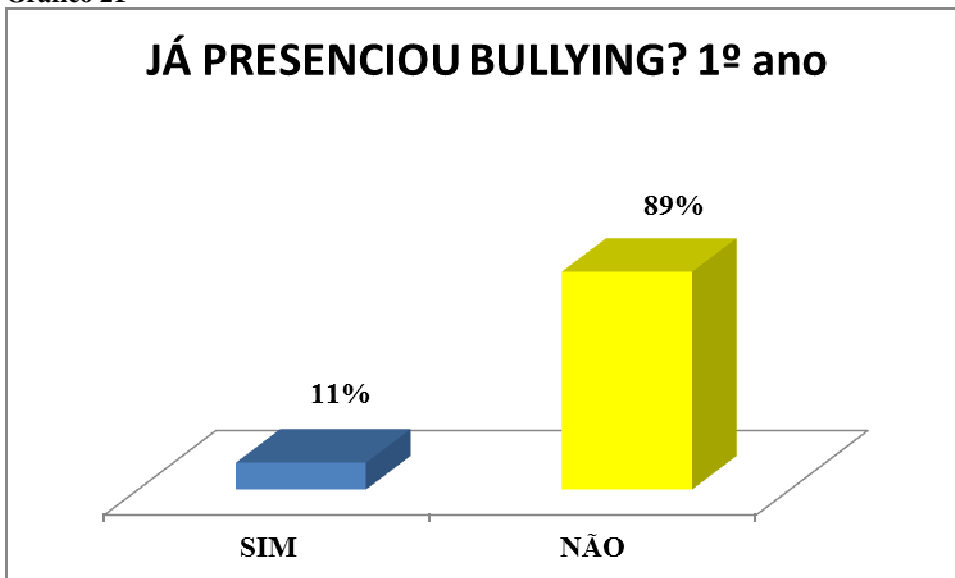
Gráfico 20



Fonte: Acredita que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade? – 3º ano. Sumé: UFCG, 2014.

Os resultados deste gráfico apresenta também que a maioria dos alunos do 3º ano, 55% deles, acreditam que sexualidade é opção, os outros 45%, negam a questão.

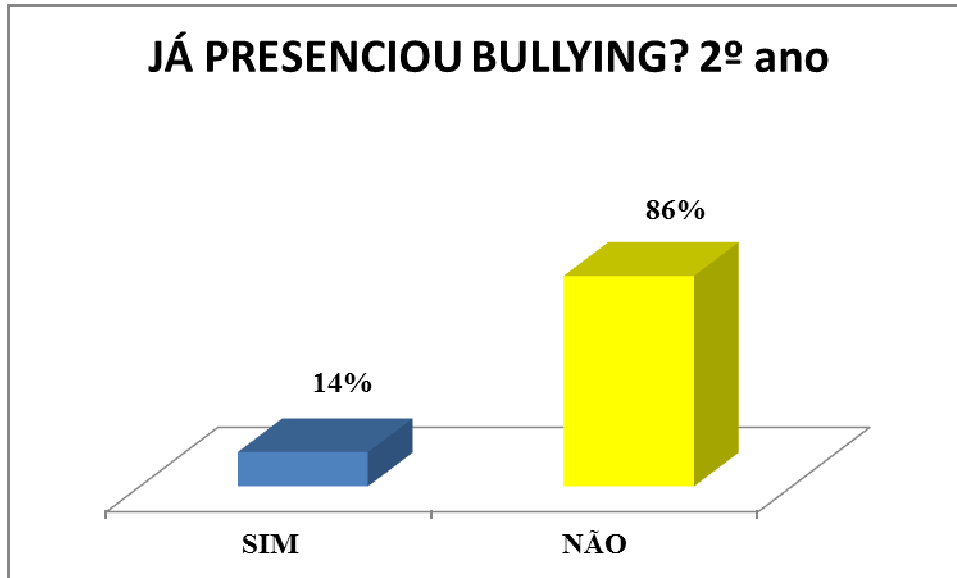
Gráfico 21



Fonte: Já presenciou Bullying? – 1º ano. Sumé: UFCG, 2014.

Quase que uma totalidade com um resultado de 89% dos alunos desta série, negam a ocorrência de bullying em sua escola e 11% deram respostas afirmativas para a questão.

Gráfico 22



Fonte: Acredita que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade? – 2º ano. Sumé: UFCG, 2014

Este gráfico também demonstra que a maioria desses alunos (um percentual de 86%) não presenciaram história de bullying em sua escola, mas 14% afirmam sua ocorrência.

Anteriormente foram apresentados os resultados obtidos nas questões fechadas do questionário, mediante cálculo estatístico descritivo, percebe-se então que não existe muita heterogeneidade de respostas com relação a maioria dos enunciados do questionário. Os percentuais, por vezes, apresentam divergências de respostas com pontuações negativas maiores quando se referem a existência de bullying na escola, com relação ao entendimento sobre diversidade sexual (diferença de bissexualidade, heterossexualidade, homossexualidade e transexualidade) ou mesmo há uma oscilação de percentuais de respostas negativas e afirmativas pergunta relacionada ao preconceito com homossexuais.

A maioria do alunos não tem preconceitos com homossexuais, não registram bullying na escola e razoavelmente entendem dos conceitos dos diversos tipos de sexualidade. É importante registrar que os gráficos também registram existência de liberalidade sexual, quando a maioria declaram já ter tido experiências sexuais e que são do conhecimento de seus pais. As respostas também são bem potencializadas quando boa parte acredita ser a sexualidade uma opção pessoal. Os dados gráficos também revelam uma frequência de intervalos de faixa etária bem variante, mas é justificada por a modalidade do ensino EJA ser caracterizada pela contingência desta clientela.

Agora cabe delinear algumas respostas para a questão: o que esses resultados significam? Para nortear esse trabalho interpretativo consideramos as seguintes categorias analíticas: 1 – Sexualidade, homofobia, bullying concepção de alunos(as); 2 – gênero e sexualidade: concepção de professores(as), coordenadores(as); 3 – diversidade sexual e de gênero: respeito às diferenças x preconceito; 4 – educação sexual na escola: concepções de professores(as) e propostas.

1 – Sexualidade, homofobia, bullying: concepções de alunos

Entre os participantes, a sexualidade não fica do “lado de fora” do muro da escola; é presente no seu cotidiano. Entretanto a maioria do alunos faz consideração às questões relacionadas a sexualidade de forma natural, quando consideram que deve-se ter respeito pela opção de cada um ou mesmo quando consideram que as pessoas são livres para a escolha de sua “opção” sexual. A maioria já teve experiências sexuais e raros negam ter despertado interesse pelo mesmo sexo. Quando se pergunta sobre a homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade, transexualidade, grande parte dos alunos afirmaram sua diferença mas, alguns trataram da homossexualidade com respostas “esperadas” (prontas) achando natural a opção, mas por vezes deixam escapar, entrelinhas, um preconceito latente ou contradizem-se, ou mesmo opõem suas idéias, quando se referem a questão da normalidade de ser homossexual.²

“Eles viver como são, só entre eles e não para as pessoas do mundo. Não querer ser o que não é”. (aluno 24).

“Eu acho que é normal e uma imoralidade da parte dele”.(aluno 26).

“A vida é da pessoa ela faz o que quiser dela! Deus deixou o livre arbítrio quem sou eu para escolero que a pessoa deve seguir”.(aluno 28).

Ou ainda uma posição de inspiração religiosa ou mesmo moral:

“Eu não acho certo porque, Deus criou homem e mulher, não homem com homem e mulher com mulher. Mais tenho preconceito”. (aluno 25).

² As respostas foram transcritas exatamente como estavam nos questionários. Então cabe esclarecer que, nas respostas dos(as) alunos(as) participantes, os erros ortográficos e de concordância nas questões abertas não foram corrigidos.

“Eu acho normal são pessoas que já nascem com esta predisposição desde o começo do mundo que existe, não sei porque tanto preconceito”. (aluno 1).

“No momento eu vejo muita coisa que eu concidero errado. Os mais velhos não e sim os mais novos eles não sabem como se porta”. (aluno 2).

Em relação às concepções e crenças sobre o que homossexualidade os participantes acreditam, ser a mesma “genética e aprendida”, ou seja, é o resultado das experiências vividas pela pessoa ou também a pessoa “já nasce assim”. Contudo, as respostas foram divididas para esta questão nas respostas fechadas.

No entanto, quando se trata do assunto homofobia a maioria dos alunos posicionam-se contra às atitudes homofóbicas, mas alguns e em quase todas as turmas não souberam seu significado. Então, algumas respostas que pretenderam ser negativas foram confusas ou equivocadas, a exemplo de quando “homofobia” foi relacionada à questão racial, ou citaram definições sem qualquer relação com o conceito em questão, embora eu o tenha esclarecido em sala quando me perguntaram; daí aconteceram tais respostas:

“Não lembro muito? Não acho muito sobre isso”.(aluno 24).

“Na minha opinião homofobia é o preconceito com as pessoas negras”.(aluno 22).

“É uma coisa indiscreta”.(aluno 26).

“O preconceito na maioria das vezes começam dentro de casa é muito triste temos que respeitar os outros, pois somos seres humanos”.(aluno 34).

“Sim. Acho que a homofobia é uma atitude de revolta de um homossexual que não pode assumir sua sexualidade (covardia)”. (aluno7).

“Sim. Coisa que devem ter cuidado com os carinhosos violentas”.(aluno 18).

“Independentemente de cada escolha sexual, temos que respeitar a escolha de cada um, acho um absurdo o preconceito agredir uma pessoa porque ela é gay. Somos seres humanos iguais. Jesus ama cada um como somos”. (aluno 13).

Com relação ao bullying quase que todos responderam “não”. Salvo um aluno que relatou ter sido vítima na igreja, escola etc.

“Já sofri desde criança na escola, igreja, etc.”(aluno 9).

Afinal é na escola que se observam casos cada vez mais frequentes na mídia, situações de preconceito que geram comportamentos discriminatório diante das mais diversas diferenças. Qualquer que seja a forma em que a violência homofóbica é realizada, física ou moral, esse comportamento estabelece para as vítimas um sentimento de não pertencimento ao grupo hegemônico heterossexual e faz nascer uma sensação de desconforto e intimidação diante dos demais e, em muitos casos, leva a evasão escolar. Dessa forma o termo homofobia não está relacionado a apenas violência física e, talvez, a maioria dos alunos não fizeram observação sobre outros fatos em que estão relacionado ao bullying, uma vez que ainda observa-se formas “veladas” de discriminação ou outras variações discriminatórias nesta escola.

Torna-se pertinente aprofundar o conceito de homofobia, esclarecer o que compreendemos por heterocentrismo que segundo Teixeira Filho (2007, p 304).

refere-se a um modo de pensar, agir e sentir pautado na arbitrariedade do sexo biológico usado como premissa “verdadeira sobre os sexos”, que posiciona a heterossexualidade como referência primeira dos desejos, ideais, princípios e valores, o qual produz, por sua vez, um sentimento de superioridade em relação a todas as outras manifestações da orientação e/ou identidade sexual.

Finalizando as questões temos uma resposta clássica quando foi perguntado se “você gostaria de acrescentar alguma coisa que considere importante?” Questão pouco respondida, mas eis que temos alguma coisa relacionada à transexualidade:

“Sim! Gay fica sendo homem, mesmo sendo gay e não querendo ser uma mulher. Assim como elas também, mulheres”.

“Sim o respeito e o comportamento”. (aluno 26).

“O respeito é essencial, como todas iguais.” (aluno 31).

“Eu acho que estar na hora dos brasileiros deixarem de ser preconceituoso com as pessoas que desejarem mudar de sexo”. (aluno 12).

“O homossexual é gente igual a todos”. (aluno 5).

Traduzindo esta última resposta para o mais clássico clichê popular carregado de preconceitos: “o homossexual também é gente. Entre outros associados: “Negro também é gente”. “Não tenho nada **contra** vocês”... Mas fazendo referência aos problemas de desigualdades sociais alguém responde:

“Direitos iguais”. (aluno 8).

A orientação sexual e a sua manifestação é um direito humano. Embora as questões relacionadas a homossexualidade venham adquirindo uma paulatina visibilidade, há alguns anos os/as homossexuais era extremamente sufocados, portanto é preciso atentar ao que pode se apresentar eventualmente como uma progressiva aceitação. O valor atual que deve ser ressaltado e reafirmado nas escolas é o dos direitos humanos, sim.

2. Gênero e sexualidade: concepção dos professores, coordenadores, psicóloga.

Foram selecionados 01 professores, 01 coordenadora e professora da EJA, 01 psicóloga para responderem questionários com oito questões abertas. Entre os participantes, a grande maioria não recebeu algum tipo de orientação na sua formação para lidar com as questões de gênero e sexualidade. Mesmo após sua formação acadêmica, não receberam algum tipo de capacitação para lidar com tais questões e parte concorda que a escola deve realizar um trabalho de educação sexual. Entre todas as questões apresentadas existiu algumas homogeneidade de respostas. Com relação a questão gênero e sexualidade os professores entendem sua diferenciação. Mas temos resposta que abstrai ou mesmo confunde o conceito³:

“As relações de gênero têm ligação direta com a disposição social de valores e desejos e comportamentos no que tange à sexualidade”. (professor 2).

Para Judith Butler (Revista Cult, 2013), “Gênero não é um problema do campo da sexualidade”. Mas o caso emblemático seria a questão da homossexualidade, enquanto temática polêmica que suscitou não apenas posicionamento diversos, mas concepções

³ As respostas dos professores também foram reproduzidas fielmente a partir das questões do próprio questionário.

inseridas no campo da sexualidade que são compartilhadas por alguns e por outros não, a exemplo da pergunta “se algum aluno foi alvo de gozação (...) por apresentar comportamentos não considerados culturalmente em relação ao seu sexo.”

“Nas escolas, na minha em particular, a convivência é mais pacífica. O “convívio” entre os ditos diferentes tem-se mantido da melhor forma possível”. (professor 1).

“Algumas vezes”.(professor 2).

“Infelizmente sim. Ainda acontece cenas dessa ordem; piadinhas de mau gosto, a exemplo de ”bichinhas” quando referem-se a dois garotos ou sapatão, Maria João, em relação as garotas”. (professor 03).

Outras posições referentes não mais tangente à sexualidade são mencionadas, mas não por todos os participantes. Por exemplo, a questão do combate aos preconceitos na esfera das desigualdades nas relações de gênero, quando tratamos da colaboração da escola no desenvolvimento de interesses e habilidades dos alunos(as). Se estas (habilidades ou estes interesses) são diferenciados na escola.

“Não. Deveria?”. (professor 1).

O professor assinala a palavra *habilidades* e interroga: cognitivas? Entendendo habilidade cognitiva como também diferenciador de natureza gêneros.

“Nem sempre”. (professor 2).

“Sim de maneira consciente e/ou inconsciente, ainda nos deparamos com situações tipo coisa para os meninos e coisas para as meninas. Evidenciando-se sobre tudo essas situações nas séries iniciais. Até mesmo alguns educadores ainda estão presos a visão tradicional onde estimulam e esperam habilidades e interesses diferenciados entre meninos e meninas”. (professor 3).

“Sim, acho que nos dias atuais não existe tanta discriminação nas habilidades que os alunos queiram trilhar, mesmo sendo desenvoltura considerada do sexo oposto”. (professor 4).

No que tange às questões de gênero no espaço específico da escola, com a questão “se os participantes acreditam que a escola não colabora no desenvolvimento de habilidades e interesses diferentes em alunos e alunas”, não seria interessante contrastar esta questão com a pergunta em que afirmam que a sociedade espera coisas diferentes da mulher e do homem? Então, seria a escola um espaço ‘imune’ às canalizações culturais referentes às questões de gênero? Ou um espaço que questiona os estereótipos de gênero? Ou ainda, se não há mais disciplinas destinadas exclusivamente aos meninos e outras destinadas só às meninas, podemos afirmar então que a escola não desenvolve habilidades e interesses diferentes em alunos e alunas?

3. Diversidade sexual e de gênero: respeito às diferenças versus preconceito

Situações em que um aluno ou uma aluna são alvos de gozação por parte dos(as) colegas por apresentarem comportamentos considerados “culturalmente” não adequados em relação ao seu sexo parecem ser situações comuns nas escolas. Embora tenha registro negativo para a questão, a maioria das respostas afirmam já presenciarem situações desse tipo. A maioria das respostas descrevendo situações refere-se a alunos e não à alunas. No caso dos alunos, há uma clara associação com a questão da homossexualidade. O que não ocorre com frequência em relação às alunas. Talvez por protecionismo machista.

Parece, que a negação da feminilidade hegemônica não passa pela questão da homossexualidade, mas sim pela questão do recato, da timidez social e/ou sexual. Em uma linguagem popular seria: a mulher que pode ser homossexual mas sim “galinha”, pois no âmbito da heteronormalidade mesmo a mulher sendo homossexual o peso do preconceito pesa mais na mulher, pois sua “masculinidade universal” (e dominante) fica comprometida. Nesse sentido, situações que ocorram gozações estas denunciam as fronteiras simbólicas que delimitam a feminilidade e a masculinidade hegemônicas.

A escola, assim como as demais instituições sociais, é perpassada por conflitos, pela tensão entre estabilidade e mudança, entre reprodução de preconceitos e o próprio questionamento dos mesmos. Portanto, é espaço sim, para construção e desconstrução de preconceitos (e mesmo a homofobia) em sintonia com a construção de uma cultura democrática de valorização da diversidade existente em nossa sociedade.

4. Educação sexual na escola: concepções e propostas dos(as) professores(as)

Apesar da educação sexual na escola (orientação sexual) ser concebida como temática transversal que deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, conforme previsto nos PCNs esta realidade é distante do dia-a-dia escolar. De acordo com os participantes dos questionários não há programas de educação sexual na escola em que atuam. Portanto existe um trabalho de assistência psicológica possível de orientação sexual ou mesmo de problemas relacionados a preconceitos nas relações de gênero. Portanto concordam entre si quando se refere na necessidade da realização de um trabalho voltado para a educação sexual compartilhada com outros temas que lhe são pertinentes.

A sexualidade é uma temática muito sensível às relações de poder entre os distintos grupos sociais. A escola é uma instituição que detém forte estratégia para a formação das novas gerações e trabalho de educação sexual acaba por assumir uma relevância, também, estratégica na manutenção ou na transformação de crenças, valores e práticas acerca do corpo e da sexualidade. Há então nessa abordagem uma ênfase a respeito dos direitos individuais na esfera da sexualidade, no combate às diversas formas de preconceitos, tabus e violências que perpassam esta temática e no papel da escola no cerne desta questão. Então qual o papel que a escola deve desempenhar com relação as questões de gênero e sexualidade?

“A sexualidade no espaço escolar não se limita apenas às “inscrições” de portas e banheiros. Ela “invade” a escola por meio de atitudes dos alunos em sala de aula e convivência social entre eles. A sexualidade, sendo um tema transversal deve romper “tabus” e trazer questões que abordam o conhecimento do corpo, do sexo e devidas precauções...

“Meninos e meninas” – tema recorrente na escola, acredito que é uma temática que aponta para uma boa convivência e a escola vem mantendo isto”. (professor 1).

“Na minha opinião, a escola deve desempenhar o papel de formador de cidadãos, a questão referente ao interesse sexual é pessoal”. (professor 2).

“A princípio capacitando os educadores em direção a uma visão atualizada, contextualizada com a realidade de um mundo moderno, levando em consideração a ética e o respeito. Bem como, orientando os alunos em vários ângulos a exemplo do estereótipo de gênero, buscando não reproduzi-los e nem silenciar diante deles, devemos trazer relações igualitárias para o dia-a-dia na escola, combater o preconceito e a discriminação que limitam o desenvolvimento pelo

tanto de mulheres quando de homens. Assim, a escola desenvolve uma contribuição de grande relevância para um mundo melhor e mais feliz”. (professor 3).

“Deixar que cada um siga seu destino sem discriminar nem induzir e sim respeitando”. (professor 4).

Estas divergências entre os nossos participantes do questionário são discutidas por eles(as) no cotidiano escolar? Não é possível saber a partir das respostas dos participantes, pois seria necessária um trabalho mais extensivo e mais aprofundado para avaliar essa questão. Todavia, este parece ser um ponto de grande importância no desenvolvimento consistente e sistematizado de qualquer proposta de educação sexual na escola. O que não significa a busca de uma unanimidade de opiniões acerca de um tema cheio de polêmicas, tabus e concepções tão diversas. Mas é possível perceber, de modo geral, se um(a) professor(a) aborda o assunto em sala de aula e se o faz de maneira pontual, a partir de suas crenças e valores pessoais, este(a) professor(a) poderá desconstruir o trabalho realizado por outros(as).

Não basta a ação de distinta somente de um(a) professor(a) sem o empenho de toda equipe pedagógica – elemento que reforça a necessidade cursos de formação continuada na área. Afinal, o sistema rotativo de turmas nas escolas faz com que a cada ano os(as) alunos(as) interajam com novos(as) e diferentes professores(as). Nossas escolas estão muito distantes do trabalho de educação sexual previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é uma importante esfera social de transformação da sociedade, desse modo não pode deixar de assumir sua responsabilidade acerca da construção das identidades de gênero. É papel da escola assumir um posicionamento acerca da formação dessas identidades, principalmente no intuito de desmistificar diferenciações, problematizando características ditas “naturais” e se estas são realmente inatas ou social e historicamente construídas, pois nossos conceitos de identidade de gênero, assim como atitudes sexuais são configurados tão cedo em nossas vidas que naturalmente as aceitamos na fase adulta como fatos dados. Esquecemos o que diz respeito às dimensões psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, pois esses papéis são influenciados pelos organismos sociais como a família, mídia, ideologia, etc.

Um dos grandes desafios da sociedade, e em particular da escola, é de transformar essa realidade de invisibilidade para uma situação concreta de respeito e solidariedade, na qual o ser humano seja visto como ser de direito livre de todos tipos de opressão, violência e discriminação. Uma sociedade igualitária parte do aprendizado da convivência com as diferenças, respeitando todas as formas de expressão da sexualidade e principalmente entender que crianças e adolescentes têm o direito de viver sua sexualidade livre de opressão e preconceitos, o que significa reconhecer a dignidade de todos independentemente da orientação sexual, do direito de liberdade de expressão, de conviver no espaço privado ou público sem violação da integridade física, psicológica e moral. Significa poder relacionar-se e interagir em todos os espaços sociais sem discriminações.

Sexo e sexualidade, assuntos cada vez mais difundidos pelos meios de comunicação de massa, tornaram-se assuntos eminentes nas escolas. Ainda que não se possa dizer, oficialmente, que as relações de gênero tenham se impregnado no cotidiano e no currículo da escola, cada vez esse debate se faz mais presente na vida dos sujeitos que lá convivem.

A pesquisa buscou especificamente investigar as relações de gênero na prática educativa na EEEFM PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ no município de Sumé/PB e, para tanto, foi necessário analisar alguns conceitos associados a questões de gênero na escola, para melhor apreender a posição dos alunos em sala de aula com relação ao assunto relacionado à discriminação, preconceito e igualdade de gênero, assim como atitudes de professores com relação às relações de gênero e sexualidade no ambiente escolar.

Na escola campo do estudo foi possível, através de observação presencial e através de questionários, observar que a maioria dos professores entendem as relações de gênero como prerrogativas específicas de homens e de mulheres e que estas perpassam por questões de afinidade. Porém, é relevante observar que na prática ainda existem, na escola, alguns professores que não possuem ideias formadas acerca destas relações o que acredita-se dificultar uma reflexão por parte dos mesmos sobre o assunto e sobre sua própria prática.

Na maior parte das salas as professoras buscam trabalhar com a igualdade e equidade mostrando que homens e mulheres têm igual valor, visto que todos são seres humanos. Porém, algumas educadoras, embora saibam o que significam as relações de gênero e terem em seus discursos a defesa da diminuição dos preconceitos, ainda legitimam a atribuição de papéis específicos a cada sexo através de palavras e comparações espontâneas. No que tange a sexualidade, as professoras expressaram que este termo está ligado às formas de prazer e que é inerente ao ser humano, apontando também para o sentido mais amplo do termo.

É importante salientar que a escola como transmissora e produtora do saber social tem uma grande importância na construção da cidadania, pois esta é fundamental na mudança da concepção à respeito da igualdade entre os sexos e determinante na forma como os conteúdos sociais serão absorvidos pelos jovens que, por sua vez, representam a renovação da sociedade. Como na atualidade estamos vivendo um período de mudanças nas relações de gênero, os limites simbólicos que delimitam às características de feminilidade e masculinidade tornaram-se mais ambíguos, se comparados ao passado. Ou seja, o sistema de significação em torno das questões de gênero tem passado por transformações significativas, mas alguns “campos” no interior deste sistema dinâmico e dialético são mais resistentes às mudanças e alguns significados arcaicos associados à masculinidade e feminilidade se mantêm.

Logo, é necessário que a escola contribua para a superação de preconceitos e desigualdades através da implementação de idéias e valores que não reforcem a concepção de um mundo masculino superior ao feminino, mas que estabeleça condições de igualdade para ambos os sexos. Para isso, a escola/professor(a) precisa incorporar o debate das questões de gênero, fazer leituras críticas dos livros didáticos, desenvolver trabalhos que abordem as relações de gênero, a sexualidade e diversidade sexual e debater sobre textos sexistas e preconceituosos.

A escola pode contribuir muito para que aconteça uma mudança na concepção de gênero, possibilitando a desconstrução dos padrões da heteronormatividade da nossa

sociedade pautados em princípios de igualdade e justiça, culminando assim no desenvolvimento de uma cultura democrática e participativa.

A pesquisa atingiu o seu objetivo que era conhecer o que as autoridades da educação (professores, coordenadores e psicólogo) da Escola Estadual de Sumé, além de seu contingente estudantil pensam sobre as diversidades sexuais na escola e o que pensam e como atuam frente à ocorrência de preconceitos, homofobia, e bullying. Com a colaboração de todos a pesquisa conseguiu realizar as atividades programadas e coletar todas as informações no tempo disponível da escola. O resultado importante é que constatou-se que a grande maioria dos professores participantes da pesquisa reconhecem as relações de gênero e diversidade sexual como um problema importante que merece atenção, não somente das autoridades educacionais, mas como de toda a sociedade.

Embora existam opiniões e percepções diferentes sobre alguns aspectos pontuais, em geral, o conhecimento e as atitudes sobre as diversidades sexuais e homofobia foram quase similares. É evidente que o esforço não pode se concentrar só nessa área. Também é muito importante melhorar o ambiente escolar em geral e as condições de trabalho dos(as) professores(as) para que possam cumprir efetivamente sua missão educacional.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Vol. 2. 2ª ed. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1967.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo**. Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, Judith Revista Cult.– revistacult.uol.com.br/home/tag/judith-butler consulta realizada em 19/03/2014.

CONNELL, Robert. Vol. 20, jul/dez. **Políticas da Masculinidade. Educação e Realidade**, 1995, Porto Alegre.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. Vol. 1: a vontade de saber. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GENTLE, Ivanilda Matias. et al. **Gênero, diversidade sexual e educação: conceituação e práticas de direito e políticas públicas**. João Pessoa: UFPB, 2008.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**; 4 ed./Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUIMARÃES, Valéria Maria Gomes. et al. **Mulher de Batom, Graxa e Macacão: uma abordagem histórica acerca da presença da mulher no curso técnico de mecânica da Escola Técnica Federal da Paraíba**; in Em aberto. Brasília, ano 15, nº 65. jan/mar 1995 1995.

MARX, Karl. (2005). **Manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Martin Claret.

Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – PCN, 1997.
Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view>

RIBEIRO, Claudia Regina. **Gênero e Sexualidade na Escola: relato de uma educadora**. Rio de Janeiro, vol. 1. nº 1.2008.

Disponível em: http://cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/Ribeiro_2008_1.pdf. Acesso em 05/03/2014.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica, Educação & Realidade. Porto Alegre 16(2) p. 05 julho/dez 1990.

TEIXEIRA FILHO, Fernando S. TOLEDO, Livia Gonsalves; GODINHO, Pedro Henrique. A Homofobia na representação de mães heterossexuais sobre a homoparentalidade. in: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Org.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 301-319.

VARELA, Drauzio. **Causas da homossexualidade.**

Disponível em <http://drauziovarella.com.br/sexualidade/causas>-da-homossexualidade. Acesso em 18/02/2014.

APÊNDICE

APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados dos professores.

APÊNDICE C- Instrumento de coleta de dados dos alunos.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a)

Eu, Evandro Brito de Alcântara, aluno do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – Centro de Desenvolvimento do Semiárido – CDSA, Sumé/PB, pretendo desenvolver uma pesquisa com alunos, coordenadores e representação dos professores do ensino médio da EEEFM PROFESSOR JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ, na modalidade de ensino EJA do 1º, 2º e 3º ano, com o objetivo de observar as relações gênero no ambiente escolar da referida escola, sob a orientação da Prof. M.a Sheylla Kassia Silva Galvão.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através de assinatura abaixo.

Atenciosamente

Sheylla de Kassia Silva Galvão
Fone (83) 3353.1850

Consentimento do Voluntário

Declaro que fui devidamente esclarecido(a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado(a) ou coagido(a) para tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósitos científicos. Estou ciente também que receberei uma cópia deste documento.

Sumé, ____/____/____.

Assinatura do Participante

Endereço do pesquisador responsável:
Evandro Brito de Alcântara
Rua Luiz Grande, s/n – Frei Damião – Sumé/PB
e-mail: evalcantara@hotmail.com

APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Instrumento de coleta de dados (Questionário dos Professores).

1. O que você compreende por relações de gênero e sexualidade?
2. Em sua formação profissional você foi orientada como lidar com questões relativas a sexualidade? Como ocorreu, caso sua resposta for positiva?
3. Você acha que a sociedade atual espera coisas diferentes da mulher e do homem com relação à vida profissional, as relações pessoais tipo: amizade, relações amorosas?
4. Você já presenciou em sala de aula ou no intervalo (recreio) escolar que um(a) aluno(a) foi alvo de gozação por parte de colegas por apresentar comportamentos que não são considerados culturalmente adequados em relação ao seu sexo?
5. A escola colabora no desenvolvimento de habilidades e interesses diferentes em alunos e alunas)?
6. Na sua opinião o que você acha das questões abordadas sobre casal de homossexual que fez parte do elenco da novela da rede Globo? Já aconteceu alguma discussão em sala de aula sobre esse assunto? Como foi, caso sua resposta for positiva?
7. Em relação ao desempenho escolar existem diferenças entre alunos e alunas em alguma disciplina em que eles apresentam resultados diferentes? Se sim, o que você considera ser a causa desses desempenhos?
8. Para você, qual o papel a escola deve desempenhar no que tange as questões de gênero e sexualidade?

APENDICE C- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Instrumento De Coleta De Dados (Questionário dos alunos)

1. Já teve algum tipo de relação sexual? Com qual idade?
() Sim () Não.
2. Você já manifestou algum interesse por pessoas do mesmo sexo?
() Sim () Não.
1. Você tem preconceito em relação às pessoas homossexuais?
() Sim () Não. Explique.
2. Qual a sua opinião sobre a homossexualidade
3. Você sabe diferenciar bissexualidade, homossexualidade, transexualidade, heterossexualidade?
() Sim () Não. Explique.
4. Seus pais tem conhecimento de sua vida sexual?
() Sim () Não.
7. Você sabe o o que é homofobia? O que você acha disso?
8. Você acredita que as pessoas fazem opção pela sua sexualidade?
() Sim () Não. Em caso afirmativo, explique.
9. Você já presenciou alguma prática de bullying com algum(a) colega homossexual da sua escola ou mesmo alguma discriminação por parte de algum professor da sua escola?
() Sim () Não. Você pode relatar, caso tenha assinalado “sim”?
10. Você gostaria de acrescentar alguma coisa que considere importante?